



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Departamento de Botânica

Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal



GUSTAVO SANTOS SILVA

**O BOTÂNICO HENRIQUE LAHMEYER DE MELLO
BARRETO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
CONHECIMENTO DA FLORA DE MINAS GERAIS**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Biologia Vegetal do Departamento de Botânica do Instituto
de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Biologia Vegetal.**

Área de Concentração Taxonomia Vegetal

BELO HORIZONTE – MG

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Departamento de Botânica

Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal



GUSTAVO SANTOS SILVA

**O BOTÂNICO HENRIQUE LAHMEYER DE MELLO
BARRETO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
CONHECIMENTO DA FLORA DE MINAS GERAIS**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Biologia Vegetal do Departamento de Botânica do Instituto
de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Biologia Vegetal.**

Área de Concentração Taxonomia Vegetal

**Orientador: Prof. Dr. João Renato Stehmann
Universidade Federal de Minas Gerais**

BELO HORIZONTE – MG

2018

043

Silva, Gustavo Santos.

O botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto e sua contribuição para o conhecimento da flora de Minas Gerais [manuscrito] / Gustavo Santos Silva. – 2018.

79 f. : il. ; 29,5 cm.

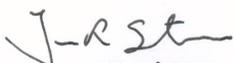
Orientador: Prof. Dr. João Renato Stehmann.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas.

1. Botânica. 2. Taxonomia vegetal. 3. Flora. 4. Paisagismo - Minas Gerais. 5. Herbário. I. Stehmann, João Renato. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Biológicas. III. Título.

CDU: 581

Dissertação defendida pelo mestrando **Gustavo Santos Silva** e aprovada em 27 de fevereiro de 2018, pela banca examinadora constituída pelos professores:



Dr. João Renato Stehmann (Universidade Federal de Minas Gerais)



Dr. Marcos Eduardo Guerra Sobral (Universidade Federal de São João Del-Rey)



Dr. Leandro Cézar de Souza Assis (Universidade Federal de Minas Gerais)

*A todos aqueles que acreditam
que o conhecimento é fonte de
sabedoria para a vida e
deve ser direito de todos.*

AGRADECIMENTO

Quero agradecer primeiro a Deus, causa primeira de tudo e todas as coisas. Pela vida e tudo que posso usufruir dela.

Agradeço à minha família, que sempre me incentivou a estudar e me deu base para que eu pudesse chegar onde estou.

Agradeço:

Ao meu orientador, João Renato Stehmann, que surpreendentemente me presenteou com um projeto tão gostoso de executar e suas preciosas contribuições;

Ao Alexandre Salino, pela confiança no trabalho no Herbário BHCb;

Aos coordenadores e professores do Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal também pela confiança, pelo conhecimento construído durante as disciplinas e pela interação humana, permitindo a integração entre as pessoas;

Ao meu companheiro Paulo Cezar, que aguentou mudanças de humor, pelas leituras, pelas tabelas e todo o carinho e incentivo para que esse trabalho fosse bem feito;

Aos diversos colaboradores da pesquisa: Setor de Botânica e Setor de Museologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG nas pessoas da Flávia Faria e do Mário Sousa; o Arquivo Público Mineiro; o Arquivo Público de Belo Horizonte; o Arquivo Nacional; o Arquivo Público do Rio de Janeiro; o Herbário R do Museu Nacional; o Marlon Souza, responsável pela Divisão Técnica do Sítio Roberto Burle Marx;

À família de “Mello Barreto”, especialmente Dona Dalva e Vera Tereza, que gentilmente cederam seus arquivos pessoais por entenderem a importância dessa pesquisa;

Aos meus vários amigos pessoais, que em todas as conversas me incentivavam a continuar os meus estudos, principalmente aos Leandros, um que aguentou diariamente as tensões antes das provas e ao outro sempre me mostrava às possibilidades de ser mestre, ao amigo Diego, pela ajuda na bibliografia; ao Ricardo Pacífico, pelo enorme auxílio na atualização dos espécimes e bibliografia; a Carolzinha pela contribuição;

À Andrea, pelo auxílio valoroso em busca do meu autoconhecimento;

Aos colegas e amigos técnicos administrativos do Departamento de Botânica da UFMG, principalmente a Denise, “Minha Gente”, que sempre procurou incentivar e descontrair nos momentos antes de chegar aqui;

Aos estagiários do Herbário BHCb, que sempre olharam esse projeto com encantamento, principalmente ao Vinícius e Juliana, que diretamente executaram parte dele;

Aos colegas do Laboratório de Sistemática Vegetal, pela troca de experiências, conversas, cafés e ajudas nas dificuldades;

Aos colegas da pós-graduação, que durante as disciplinas, conversas, corredores, sempre tinham uma palavra de incentivo e um sorriso para continuar a seguir;

Aos Herbários pela disponibilização e pelo esforço em digitalizar os seus dados;

Enfim, a vida! Grato por poder respirar e simplesmente, VIVER!

RESUMO

A história da botânica no Brasil da primeira metade do século XX é pouco conhecida, mas muito importante, pois foi quando começam a se difundir e consolidar diversas instituições republicanas, como universidades e centros de pesquisa que perduram até hoje. Junto a essas instituições, surgiram alguns acervos, hoje considerados históricos, com amostras de plantas coletadas em épocas e ambientes que hoje não existem mais. Nesse contexto, o acervo deixado pelo pesquisador Henrique Lamayer de Mello Barreto, com plantas coletadas em Minas Gerais nas décadas de 30 e 40, pode ser considerado um dos mais importantes. Suas amostras foram distribuídas para vários herbários nacionais e estrangeiros e serviram de base para descrição de inúmeras espécies novas para a ciência. Apesar disso, pouco se conhece sobre sua carreira, sua obra e a efetiva contribuição dada para o conhecimento da flora de Minas Gerais. Os objetivos desse trabalho foram resgatar informações sobre sua trajetória profissional e sua produção científica, inventariar o acervo deixado nos herbários referente à flora de Minas Gerais, analisando onde, quando e com quem foram coletadas as amostras. Também foram resgatadas as eponímias, homenagens dadas por outros botânicos taxonomistas quando da descrição de táxons novos para a ciência. A metodologia utilizada constou de pesquisa junto ao acervo de documentos da família, entrevistas, revisão de amostras nos herbários e a construção de um banco de dados contendo os registros das coletas depositadas no Brasil e no exterior. Para avaliação dos táxons por ele descritos, foram utilizadas bibliografias especializadas para a família Melastomataceae e consulta a especialistas. Em relação ao acervo deixado, foram encontrados 9063 registros de exsicatas nas duas principais bases de dados de herbários virtuais disponíveis no Brasil. Os herbários brasileiros que possuem maior quantitativo de espécimes coletados por Mello Barreto foram o BHCB (5.181), SP (1.059), RB (929) e R (443), sendo os grupos mais representativos Fabaceae, Melastomataceae, Asteraceae e Rubiaceae. Os anos de 1933, 1935 e 1937 foram os com mais coletas. A análise da distribuição geográfica indica que ele visitou todas as regiões do estado, mas Belo Horizonte foi a localidade com maior número de registros, seguida por Lagoa Santa e Santa Luzia. A região da Serra do Cipó também merece destaque. As parcerias de coleta começara depois de 1934, tendo ele coletado com 16 pesquisadores, alguns do exterior. Ele reconheceu diversas entidades taxonômicas novas em Melastomataceae, especialmente em *Lavoisiera*, mas a maioria não foi efetivamente publicada. Um total de 25 epítetos específicos foram dados em sua homenagem, a maior parte em decorrência das suas amostras serem materiais tipos das espécies. Destacamos também as participações em projetos paisagísticos com Burle-Marx em Minas Gerais, a partir da década de 40, incorporando o uso de espécies nativas ornamentais. Mello Barreto deixou um enorme legado científico sobre a flora de Minas Gerais e foi, sem dúvida alguma, uma das referências mais importante da botânica no estado na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Mello Barreto. Herbário. Coleção Histórica. Flora Mineira. Paisagismo.

ABSTRACT

The history of botany in Brazil in the first half of the 20th century is little known, but very important, since it was when diverse institutions, such as universities and research centers, began to spread and consolidate, driven by scientific and technological advances and new challenges political, social and economic. To support research in the botanic area, some herbaria were created at that time and now house samples of plants collected in environments that no longer exist or are altered. In this context, the collection left by the researcher Henrique Lamayer de Mello Barreto, with plants collected in Minas Gerais in the 1930s and 1940s, can be considered one of the most important. Their samples were distributed to several national and foreign herbaria and served as a basis for description of numerous new species for science. Despite this, little is known about his career, his work and the effective contribution given to the knowledge of the flora of Minas Gerais. The objectives of this work were to retrieve information about its professional trajectory and its scientific production and to inventory the collection left in the herbaria referring to the flora of Minas Gerais, analyzing where, when and with whom samples were collected. The eponymy were also rescued, tributes given by other botanists taxonomists when describing new taxa. The methodology consisted of research using private documents provided by his relatives, interviews, revision of samples in the herbariums and the construction of a database containing the records of collections deposited in Brazil and abroad herbaria. For the evaluation of the taxa described by him, specialized bibliographies were used for the family Melastomataceae and consultation of specialists. In relation to the collection left, 9063 records were found in the two main databases of virtual herbaria available in Brazil. The Brazilian herbaria with the highest number of specimens collected by Mello Barreto were BHCB (5,181), SP (1,059), RB (929) and R (443). The most representative groups were Fabaceae, Melastomataceae, Asteraceae and Rubiaceae. The years 1933, 1935 and 1937 were the ones with the most collections. The analysis of the geographical distribution indicates that all regions of the state were visited by him, but Belo Horizonte was the locality with the highest number of records, followed by Lagoa Santa and Santa Luzia. The Serra do Cipó region is also worth mentioning. The collection partnerships began after 1934, with the collaboration of 16 researchers, some from abroad. He recognized several new taxonomic entities in Melastomataceae, especially in *Lavoisiera*, but most of them were not effectively published. A total of 25 specific epithet was given in their honor, mostly because their samples were type material. We also highlight the participation in landscape projects with Burle-Marx in Minas Gerais, beginning in the 1940s, incorporating the use of native ornamental species. Mello Barreto left a huge scientific legacy on the flora of Minas Gerais and, for this, must be considered one of the most important and recognized botanist in the 1930 and 1940 decades.

Keywords: Mello Barreto. Herbarium. Historical Collection. Minas Gerais's flora. Landscaping.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Relação das Melastomataceae reconhecidas ou descritas como novas por Mello Barreto. Nomes corretos destacados em negrito	33
Tabela 2 -	Lista dos herbários brasileiros com maior representatividade de exsicatas coletadas por H.L. Mello Barreto em seu acervo	44
Tabela 3 -	Distribuição do acervo Mello Barreto nos herbários brasileiros, indicando as famílias mais representativas em número de exsicatas	47
Tabela 4 -	Companheiros de coleta de Mello Barreto, com indicação do ano e da localidade visitada, que aparecem nos registros das exsicatas dos herbários	49
Tabela 5 -	Relação das cidades onde Mello Barreto realizou suas coletas e quantidade de espécimes coletados em cada uma.	52

LISTA DE IMAGENS

FOTO 1 -	Prédio da administração do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.....	24
FOTO 2 -	Mello Barreto (ao centro, de avental) mostrando os recintos aos visitantes no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro	29
FOTO 3 -	Mello Barreto (ao centro, de avental) recebendo visitantes no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro.....	29
FOTO 4 -	Imagem da Igreja São Francisco de Assis atualmente, sem qualquer espécie de rosa em seu ajardinamento.....	38
IMAGEM 1 -	Referência ao roseiral na descrição do projeto de ajardinamento da Igreja São Francisco de Assis na Pampulha, Belo Horizonte	37
IMAGEM 2 -	Projeto de ajardinamento da Igreja São Francisco de Assis, demonstrando o roseiral e suas variedades.....	38
IMAGEM 3 -	Planta do projeto do Parque do Barreiro em Araxá demonstrando na legenda as diferentes composições paisagísticas.....	40
IMAGEM 4 -	Rascunho do texto escrito por Mello Barreto sobre a composição paisagística do Parque do Barreiro em Araxá	42
IMAGEM 5 -	Homenagem a Mello Barreto encontrada na ficha da exsicata do holótipo de <i>Phymatidium mellobarretoii</i> L.O.Williams & Hoehne	68
IMAGEM 6 -	Exsicatas de <i>Solanum mellobarretoii</i> Agra & Stehmann demonstrando a coleta de Mello Barreto e o espécime usado na descrição da espécie	70
MAPA 1 -	Mapa de localização das cidades onde Mello Barreto coletou os espécimes botânicos.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1 - Relação de quantidade de coletas realizadas por Mello Barreto entre os anos de 1923 e 1960..... 50
- GRÁFICO 2 - Proporção de exsicatas contendo informação da data da coleta no conjunto de amostras coletadas por Mello Barreto nos diferentes herbários *on-line* 51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALCB	Herbário Alexandre Leal Costa
BHCB	Herbário da Universidade Federal de Minas Gerais
CEN	Herbário da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
CEPEC	Herbário do Centro de Pesquisas do Cacau
CESJ	Herbário Leopoldo Krieger
CNCFlora	Centro Nacional de Conservação da Flora
ESA	Herbário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
FUEL	Herbário da Universidade Estadual de Londrina
HEPH	Herbário Ezechias Paulo Heringer
HRCB	Herbário Rioclarense
HST	Herbário Sérgio Tavares
HUEFS	Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana
IAC	Herbário do Instituto Agrônomo de Campinas
ICN	Herbário do Instituto de Ciências Naturais
INCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
IPA	Herbário Dárdano de Andrade Lima
MBM	Herbário do Museu Botânico Municipal
OUPR	Herbário “Professor José Badini”
R	Herbário do Museu Nacional
RB	Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
SJRP	Herbário de São José do Rio Preto
SP	Herbário do Estado “Maria Eneyda P. Kaufmann Fidalgo”
SPF	Herbário da Universidade de São Paulo
SPSF	Herbário Dom Bento José Pickel
UB	Herbário da Universidade de Brasília
UEC	Herbário da Universidade Estadual de Campinas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFP	Herbário Mariz
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNOP	Herbário da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UPCB	Herbário da Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
METODOLOGIA DE PESQUISA	19
RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
HISTÓRIA DE VIDA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	22
ESCRITAS SOBRE A VEGETAÇÃO E A FLORA DE MINAS GERAIS	30
LAVOISIERA.: SEU GRUPO DE ESTUDO	32
MELLO BARRETO E BURLE-MARX	35
ONDE ESTÃO AS AMOSTRAS COLETADAS?	43
SEGUINDO OS PASSOS DO BOTÂNICO: ONDE, QUANDO E COM QUEM COLETOU?	48
AS MUITAS HOMENAGENS RECEBIDAS – EPONÍMIAS	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
BIBLIOGRAFIA	74

APRESENTAÇÃO

Estamos cercados de espécimes vegetais quase todo o tempo e muitas vezes não nos damos conta disso. A nossa respiração depende do oxigênio liberado na atmosfera em maior proporção pelas plantas. Seguindo nesse raciocínio, podemos perceber como esses seres vivos são importantes para a nossa vida. Tanto para a nossa sobrevivência física quanto para os nossos momentos de fruição da natureza com o nosso olhar e sentir.

Mas para aproveitar algo muito bem é preciso conhecê-lo. Estudiosos de formação e os que aprendem na prática dedicam parte da sua vida em observar a natureza, descrever seus espécimes e verificar seus comportamentos. Assim fazem os botânicos com as plantas. Nesse trabalho procuramos trazer um pouco da contribuição de Henrique Lahmeyer de Mello Barreto para o conhecimento da flora brasileira, tão rica em diversidade e beleza.

Esse personagem da história botânica brasileira, quiçá mundial, deixou um legado de conhecimento que não temos ideia. Suas contribuições estão principalmente nas parcerias com Roberto Burle-Marx, no planejamento dos jardins do belo complexo arquitetônico e paisagístico da Pampulha, em Belo Horizonte, e no complexo do balneário do Barreiro. Na cidade de Araxá. Graças a Henrique Lahmeyer, o famoso paisagista pode incorporar nos seus projetos em Minas Gerais elementos da flora autóctone na composição de seus jardins. Também merece destaque seu trabalho na internacionalização do Jardim Zoológico da cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950. Isso somente se tratando de contribuições contemplativas.

Mello Barreto, como carinhosamente era conhecido, também contribuiu para o conhecimento científico botânico e até mesmo para o conhecimento zoológico. Sua história “acadêmica” inicia quando vai para Belo Horizonte realizar tratamento de saúde e se encanta com a paisagem mineira. Daí inicia seus estudos e logo já vai para a cidade de Cataguases trabalhar na área botânica. Em seguida vai ser diretor do primeiro Jardim Botânico de Belo Horizonte, onde aprimora seus estudos e lhe permite estudar com mais precisão a flora mineira, principalmente a presente na Serra do Cipó.

Em suas caminhadas, muitos foram os espécimes coletados, grande e valioso foi o acervo deixado por ele. E foi observando esse rico acervo, hoje pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais, que esse trabalho se iniciou. Procurou-se inventariar o acervo presente no Herbário BHCB e realizar uma análise do conteúdo inserido nele. Buscou-se qualificar os dados disponíveis em sítios *online* de biodiversidade e disponibilizar o máximo

de imagens dos espécimes encontrados na coleção desse herbário. A curiosidade nos levou a perguntar: com quem, quando e por onde ele andou para obter esse importante acervo e agregar conhecimento a ele? Quantos espécimes ele coletou?

Assim, as respostas para essas perguntas trouxeram desdobramentos para o trabalho. Um exemplo foram as homenagens recebidas por ele. Graças ao seu excelente contato com diferentes pesquisadores no Brasil e no exterior e à qualidade das amostras por ele coletadas, espécies botânicas receberam seu nome. Algumas outras homenagens também foram recebidas e são tratadas nesse texto.

Desse modo, ao falecer em 1962, trabalhando como diretor do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, Mello Barreto deixa com a sua história uma boa base de produção científica e também um acervo histórico botânico considerável. Então, queremos apresentar nesse trabalho, um pouco de tudo o que foi e o que representa Henrique Lahmeyer de Mello Barreto na história botânica brasileira.

INTRODUÇÃO

Os primeiros habitantes do Brasil, os índios, já utilizavam a flora brasileira como recurso para alimentação, para medicina e defesa (PINTO, 1995). Quando os portugueses aqui chegaram, deram o nome as terras “descobertas” de Ilha de Santa Cruz. Mas devido à exuberância florística, acabaram por homenagear o país com o nome de um importante espécime muito presente na Mata Atlântica ainda não explorada pela sociedade europeia. A espécie atualmente conhecida *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis, cujo nome anterior e mais conhecido é *Caesalpinia echinata* Lam., popularmente conhecida como Pau-brasil, deu origem ao nome do país pela sua importância para os portugueses naquela época (GAGNON et al. 2016).

No século XVIII muitos naturalistas fizeram incursões pelo mundo em busca de conhecimento sobre plantas e animais. O Brasil então se torna um “paraíso desejado pelos naturalistas viajantes” (LISBOA, 1951), pois as suas matas ainda eram pouco exploradas e acreditava-se que as exuberantes belezas, extremamente variadas poderiam ser descobertas e enriquecerem o patrimônio científico (LISBOA, 1951).

Minas Gerais, por ser conhecida terra dos minerais, do ouro e do diamante, acabou por chamar a atenção de muitos naturalistas europeus, que para essa região do Brasil vieram. Além das riquezas minerais, encontraram uma fauna e flora exuberantes. Esses naturalistas escreveram “a respeito das condições físicas e biológicas do ambiente, bem como das condições de vida e dos costumes então vigentes no País nas primeiras décadas” do século XIX (RIZZINI, 1979). Podem-se citar alguns nomes que contribuíram para a descoberta de espécimes em Minas Gerais através de suas expedições e que deixaram um grande legado de conhecimento para a Ciência. August de Saint-Hilaire (1779-1853), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834), Johannes Eugenius Bülow Warming (1841-1924) entre outros (LISBOA, 1951).

Em Minas Gerais, Estado possuidor de uma flora exuberante, nasceram muitos botânicos, alguns deles por profissão, mas grande parte por vocação, por vontade em estudar e conhecer um pouco mais sobre a natureza das plantas. Entre esses ilustres botânicos pode-se citar alguns que tiveram relevância na pesquisa e nas excursões através das diferentes e curiosas paisagens mineiras.

Brigadeiro João Gomes da Silveira Mendonça, o Marquês de Sabará, e o Dr. João Severiano Maciel da Costa, o Marquês de Queluz, foram mineiros que dirigiram o Real

Jardim Botânico, fundado por Dom João VI no Rio de Janeiro. Também ligados ao Jardim Botânico estão os mineiros Aparício Pereira Duarte e o desenhista Newton Paes Leal. São também mineiros os botânicos Frei José Mariano da Conceição Veloso, João Barbosa Rodrigues, Joaquim Veloso de Miranda, Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt de Sá, Idelfonso Gomes, José Gomes Couto, Francisco de Paula Magalhães Gomes, Jacintho Bruno de Godoy, Alfredo Teixeira Baêta Neves e o bem conhecido, Álvaro Astolfo da Silveira (PAES, 1980).

Entre os que trabalharam na flora mineira e que se tornaram mineiros de coração estão as seguintes personalidades botânicas: o baiano Leônidas Botelho Damázio, o alemão Carlos Augusto Guilherme Schwacke (LISBOA, 1951) e o carioca Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, mais conhecido como Mello Barreto.

Muitos desses naturalistas deixaram grande legado de conhecimento para as gerações seguintes. Espécies novas da flora brasileira foram descritas. Essas informações disponibilizadas por cada naturalista foram sendo agregadas por pesquisadores que até hoje realizam suas descobertas utilizando os espécimes coletados desde muito tempo atrás.

Uma questão surge quando se pensa no avançado tempo em que muitos desses exemplares foram coletados na natureza. Como podem ainda servirem para as pesquisas da atualidade? Com o processo de manufatura do papel e conseqüentemente o baixo preço do mesmo, os europeus passaram a utilizar técnicas para que os espécimes fossem conservados o maior tempo possível. E esses materiais precisavam ser armazenados em locais que pudessem garantir com mais segurança a sua preservação. É nesse ínterim que surgem os herbários nos moldes que temos atualmente (TORREY BOTANICAL CLUB, 1885).

De maneira geral, um herbário pode ser considerado “uma coleção de plantas secas e prensadas, afixadas em cartolinas e devidamente etiquetadas, organizadas em ordem alfabética e segundo um sistema de classificação” (SALINO et al. 2012). Mas o potencial científico, cultural e histórico presente em um herbário bem consolidado é muito grande. Em 2004, Funk em um de seus trabalhos, descreve 72 usos para um herbário. Entre os mais curiosos, estão a preparação de figuras para livros infantis e promover encontros de clubes relacionados aos estudos botânicos. Mas em sua maioria, os usos estão relacionados realmente à pesquisa científica, ao acesso a dados sobre manejo de plantas pelos humanos e também dos componentes botânicos encontrados ao longo do tempo.

Os herbários são peças fundamentais no reconhecimento da biodiversidade atual. Através dos espécimes incorporados em sua coleção, o herbário pode fundamentar tomadas de

decisões em diferentes campos na área de diversidade da vida. Em um só lugar, podem-se encontrar diferentes espécimes juntos e, desta forma, consegue-se fazer a comparação entre os materiais e isso não se pode fazer diretamente em campo (BACON, 1986). Áreas como taxonomia, ecologia, anatomia, morfologia, biologia da conservação, etnobotânica, paleobiologia (FUNK, 2004), também a arqueologia, a biogeografia, a epidemiologia, a agricultura, a biotecnologia (CRISCI; KATINAS, 2017), entre outras, encontram grande parte dos dados de suas pesquisas em materiais herborizados.

Muitas outras utilidades podem ser atribuídas a um herbário segundo Funk (2004). Entre as relacionadas com a pesquisa científica e as funções básicas de um herbário, estão: a descoberta de novas espécies de planta; a determinação de materiais com taxonomia duvidosa; documentar informações sobre a história de um espécime estudado; fornecer dados de localidades onde os espécimes foram coletados; planejamento de novas incursões no campo para coletas de material não estudado ou não conhecido; fornecer material para análises de DNA, de anatomia, de morfologia e de química; fornecer dados para análise ecológica populacional; fornecer conhecimento para a etnobotânica entre muitos outros.

Entre as relacionadas com a educação e outras finalidades, Funk (2004) ainda pontua: fornece material para o ensino de biologia e seus desmembramentos, facilita intercâmbio entre pesquisadores e estudantes, permite visita para comunidade em geral, auxilia em atividades forenses, fornece material para ilustração em diferentes obras artísticas, mantém sítios na internet para divulgação dos dados, permite intercâmbio de materiais e informações entre diferentes instituições ao redor do mundo.

Segundo o *Index Herbariorum*¹ há atualmente no mundo em torno de 3000 herbários e nessas instituições pode-se estimar que existe em torno de 350.000.000 espécimes de diferentes regiões de todo o globo. Pelo menos 400 anos de história botânica estão registradas nesses espécimes (THIERS, 2016). Esses números podem ser ainda maiores, pois existem herbários menores e até particulares que não estão vinculados a essa base de dados, demonstrando assim a grande riqueza de materiais para estudo disponíveis no mundo.

A contribuição de Henrique Lahmeyer de Mello Barreto na área da pesquisa sobre a vegetação e flora de Minas Gerais foi muito significativa, pois foi autor da descrição de várias

¹ *Index Herbariorum* é um repositório de informações sobre os herbários no mundo, criado em 1935 e gerenciado pelo Jardim Botânico de Nova Iorque (New York Botanic Garden). Nesse repositório podem-se encontrar informações sobre os herbários cadastrados em sua base de dados. Entre essas informações estão: instituição ao qual o herbário pertence, onde está localizado, quem são os curadores, quem é o corpo técnico, quem são os especialistas vinculados, o número de espécies contidas no acervo, coleções importantes, onde são realizadas as publicações do herbário, site e contato.

espécies, estando seu acervo, incluindo espécimes tipos, depositado no herbário fundado por ele no Instituto Agrônomo (RENNÓ, 1960). Parte da área do Instituto foi cedida à UFMG em 1969, que em seguida implantou o Museu de História Natural (mais tarde, em 1979, passou a se chamar Museu de História Natural e Jardim Botânico). O Museu criou então em 1970 o herbário BHMH, abrigando o acervo do Instituto Agrônomo. A curadoria do herbário BHMH esteve por muitos anos sob responsabilidade do Prof. José Luís Pedersoli. Após seu falecimento, o Herbário BHMH foi transferido ao Herbário BHCB, pertencente ao Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, onde até hoje permanece.

Diante da importância desse botânico para a história natural, principalmente em Minas Gerais, vê-se a necessidade de reorganizar a coleção do mesmo no Herbário BHCB, disponibilizando ao máximo as informações contidas em seus exemplares. Dessa forma, pode-se contribuir com o melhoramento dos dados disponíveis para diferentes projetos que envolvam ações em biodiversidade. Assim, pode-se perceber que as coleções biológicas estão aumentando a sua importância e no futuro, terão cada vez mais importância, uma vez que irão contribuir com dados para avaliação da biodiversidade, dos efeitos das mudanças climáticas global entre outros aspectos. (PYKE; EHRLICH, 2010)

O Herbário BHCB é hoje um dos principais herbários do Brasil e o mais representativo de Minas Gerais. Teve seu primeiro espécime registrado em abril de 1969. (SALINO et al. 2012). Seu acervo está próximo de 190.000 exemplares, agregando cada vez mais espécimes anualmente. Dentro desse contexto, pode-se perceber em análise superficial que as amostras coletadas por Mello Barreto não estão bem organizadas, necessitando assim, de uma revisão nesse acervo. Acredita-se que realizando a qualificação desses dados, ocorrerá uma melhor disponibilidade de informações mais precisas, trazendo para os diferentes pesquisadores, dados mais acurados e que podem ser utilizados para tomar decisões mais acertadas em suas pesquisas.

Uma das dúvidas levantadas também ao pensar esse projeto, é onde estão distribuídas as amostras de Mello Barreto. Pretende-se entender como ele tratou as suas coletas, se manteve tudo em seu acervo original (BHMH) ou se fez envio de unicatas para outros herbários no Brasil e no exterior.

Considerando que Mello Barreto foi um botânico muito prestigiado por diferentes pesquisadores no mundo, como por exemplo, Friedrich Markgraf² e Mary Agnes Chase³, que

² Friedrich Marcgraf, 1897-1987, botânico alemão, professor e diretor do Jardim Botânico de Berlim. (STAFLEU & COWAN, 1976-1988)

vieram ao Brasil conhecer o trabalho dele (LANA, 2009), acredita-se que coletas realizadas em conjunto com os mesmos, foram enviadas para seus respectivos herbários para compor o acervo e auxiliar na pesquisa sobre a flora do Brasil. Outro apontamento que se pode fazer sobre seu relacionamento com instituições estrangeiras é o intercâmbio com instituições como The United States National Museum, The Botanical Museum vinculado a universidade de Harvard, The School of Forest vinculada a universidade de Yale e o Jardim Botânico de Nova Iorque (LANA, 2009).

Apesar de todo esse histórico, Henrique Lameyer de Mello Barreto ainda pode ser considerado um botânico praticamente desconhecido em Minas Gerais e no Brasil. Neste trabalho acadêmico tentamos resgatar sua memória e apresentamos um pouco da sua biografia e vida profissional, uma síntese comentada de seus trabalhos publicados, seu grupo botânico preferido, e sua relação com o paisagista Roberto Burle-Marx. Além disso, analisamos minuciosamente as principais bases de dados *on-line* procurando desvendar o tamanho e a riqueza do seu acervo, em que herbários se encontra distribuído, quando e onde coletou no território mineiro. Por fim, compilamos as homenagens recebidas eternizadas no nome das espécies descritas por terceiros.

³ Mary Agnes Chase, 1869 – 1963, botânica americana, especialista em gramíneas, ilustradora, autodidata, vinculada ao Museu Nacional dos Estados Unidos quando conheceu Mello Barreto. (SMITHSONIAN, 2016)

METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia para realização do presente trabalho foi baseada em três ações principais. A primeira foi pesquisa sobre coletas de Mello Barreto nas bases de dados do INCT Herbário Virtual⁴ e do JABOT⁵. A segunda foi a busca de bibliografia com informações relativas a ele: a pesquisa documental em instituições, a consulta ao acervo pessoal. A terceira foi a realização de entrevista com familiares.

As bases de dados do INCT Herbário Virtual e do JABOT foram consultadas em dois momentos. Em abril de 2016 e novembro de 2017. Dessa forma, pôde-se observar o comportamento da disponibilidade de informações das coleções no período.

Os bancos de dados apresentam um fator que dificulta muitas vezes as pesquisas. Não há um padrão que todos os curadores de dados utilizem para lançar as suas informações *on-line*. Um exemplo é o nome dos coletores. Cada base padroniza de uma forma diferente. Muitos curadores de dados inserem o primeiro nome e seus subsequentes com letra maiúscula seguida de ponto. O último nome é escrito por extenso. Outras bases utilizam no último nome do coletor seguido de vírgula e as iniciais do nome em maiúsculas seguidas de ponto.

O nome de Henrique Lahmeyer Mello Barreto está designado sobre diferentes formas nas bases de dados, foi preciso realizar a busca inserindo seu nome de diversas maneiras. Desse modo, foram feitas buscas realizadas inserindo-se os seguintes formatos para o seu nome: Barreto, HLM; Mello Barreto; Mello-Barreto, HL; HL Mello Barreto. Assim foi possível obter o máximo de coletas vinculadas a ele. As datas de coletas que estavam fora do período de vida produtiva do pesquisado foram excluídas. Nomes parecidos e que não demonstravam sentido de vínculo ao pesquisado também foram retirados da análise.

Em seguida, os dados foram padronizados porque as diferentes bases de dados consultadas apresentam suas características peculiares, então, foi preciso organizar todas as informações de forma a obter dados com mesma semelhança de campos para melhor verificação das informações.

Como os dados são de datas entre 1920 e 1962, algumas peculiaridades sobre localidade foram importantes de serem padronizadas. Um exemplo são municípios que

⁴ INCT- Herbário Virtual – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Herbário Virtual é uma proposta realizada junto ao Ministério de Ciência e Tecnologia que visa capacitar recursos humanos para estudos de plantas e fungos e também organizar e disponibilizar *on-line* os dados referentes aos espécimes tombados nos diferentes herbários do Brasil. (MAIA, 2017)

⁵ Jabot é um *software* desenvolvido pelos pesquisadores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro com a finalidade de gerenciamento dos dados da coleção do Herbário RB vinculado a essa instituição. Esse *software* permite que os dados do herbário sejam disponibilizados *on-line* para consulta livre. (SILVA et al., 2017)

sofrerem alteração de nomes ao longo do período. Para melhor verificação, buscou-se atualizar os nomes antigos para os atuais municípios, deixando as duas informações disponíveis em tabela para melhor compreensão e minimização das ocorrências de erros.

O INCT Herbário Virtual possui dados específicos de alguns herbários internacionais, dessa forma, ao se tratar de informações sobre herbários brasileiros, os dados vinculados aos herbários do exterior foram retirados. Assim, ao longo do texto os valores totais de alguns dados podem estar alterados se comparados a outros exatamente por essa peculiaridade.

Para digitalização das exsicatas no acervo do herbário BHCB, usou-se fotografia em máquina Digital Nikon 5200, com padronização de abertura em f/11, velocidade de 1/80 segundos e ISO 200. Iluminação realizada com lâmpadas de LED. A câmera foi programada com disparador por controle remoto para evitar o máximo de ruídos nas fotos. Foram selecionados na coleção os espécimes das famílias mais coletadas por Mello Barreto, priorizando inicialmente a Melastomataceae estudada por ele. Após cada foto, o espécime recebia um carimbo “FOTO”, os dados das etiquetas eram conferidos e atualizados no banco de dados do BHCB e então era guardado novamente na respectiva pasta do espécime na coleção.

Em seguida, os arquivos das fotos eram renomeados para o número de código de barras existente na exsicata correspondente a imagem, e então, enviada para o CRIA⁶ para disponibilização das mesmas em rede.

Em relação ao levantamento bibliográfico, foram analisados artigos e livros cujos conteúdos poderiam tratar de informações relativas a vida e obra de Mello Barreto. Foram feitas buscas em repositórios de arquivos como o BHL⁷, publicações do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Governo de Minas Gerais, Prefeitura de Belo Horizonte entre outras fontes de informações, principalmente *on-line*.

Foram também consultadas instituições como Arquivo Nacional, Arquivo Público Mineiro, Arquivo Público de Belo Horizonte, Arquivo Público da Cidade do Rio de Janeiro, Museu Nacional e Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. As buscas geralmente eram feitas pelo nome completo de Mello Barreto e também pelos órgãos nos quais ele trabalhou ao longo da sua vida.

⁶ CRIA – Centro de Referência em Informação Ambiental, é uma Organização de Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP – cujo objetivo é disponibilizar eletronicamente as informações biológicas para subsidiar pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. (CRIA, 2017)

⁷ BHL é a sigla para *Biodiversity Heritage Library*, consórcio entre diferentes bibliotecas sobre história natural e botânicas com a finalidade de digitalizar e disponibilizar de forma aberta as literaturas relativas ao conhecimento da biodiversidade mundial. (BHL, 2017)

O seu acervo pessoal está em processo de ser transferido para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG em doação de seus familiares. Esse acervo está sob guarda do museu citado aguardando registros formais de doação. Nele estão contidos documentos relativos a vida profissional de Mello Barreto, documentos expedidos por diversos órgãos públicos onde trabalhou, recortes de jornais referente ao seu nome, correspondências do mesmo com herbários no Brasil e principalmente no exterior, anotações manuscritas realizadas pelo mesmo referente a descrição de espécimes, entre outros.

Foi realizada também entrevista com sua nora, Sra. Dalva de Mello Barreto viúva do filho de Mello Barreto, o Antônio Carlos. Nessa entrevista buscou-se informações referentes a vida pessoal não encontrados em documentos físicos. Também se procurou confirmações sobre informações encontradas em diversos documentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

História de vida e trajetória profissional

Filho de Nomi Furquim Lahmeyer e de Manoel Paulo de Mello Barreto, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1892. Chegou a Minas Gerais em busca de melhores ares para tratar de sua saúde ligeiramente abalada após decepções na vida profissional. Segundo relatos familiares, ele vem com sua mãe para Belo Horizonte tratar de tuberculose, doença muito prevalente na época. Para as pessoas que viviam naquele período, a capital mineira e seus bons ares tinha o poder de auxiliar os doentes no tratamento de tal enfermidade.

Mello Barreto inicia sua carreira no serviço público mineiro em 1912, na Secretaria de Agricultura. Após trabalhar em diversas autarquias é exonerado em 1919 a pedido dele e sem justificativa. Apaixonado pelas belezas mineiras, passa um tempo cuidando de fazendas de seus familiares, e então, em 1926, começa a exercer funções botânicas e administrativas no Horto Florestal de Cataguases, permanecendo por lá até 1931, quando foi designado para prestar serviços na Fazenda da Baleia em Belo Horizonte, sendo nomeado então como diretor do Jardim Botânico de Minas Gerais (RENNÓ, 1965).

Ainda segundo Rennó (1965), em 11 de outubro de 1918 casou-se com Amarylis Lobo Mello Barreto, da tradicional família mineira, Vaz Lobo, com quem teve seis filhos: Dora, Paulo, Carlos Henrique, Antônio Carlos, Lea, Vera e Laelia. A última veio a falecer ainda bebê. Sua esposa também faleceu por infecção bucal ainda jovem, deixando a guarda dos cinco filhos para ele, que com auxílio de sua sogra, “Dona Mariquinha”, conseguiu educá-los mesmo com os seus intensos trabalhos. Seu filho Paulo, também auxiliava no cuidado com as crianças. Mello Barreto vivia com sua família nas dependências do Jardim Botânico na mata da Baleia.

Uma curiosidade a se relatar nesse ponto é que a família de Amarylis foi uma das fundadoras de Belo Horizonte. Maria Vaz Lobo, sua mãe, enviuvou-se de Arthur Lobo, seu pai e um dos idealizadores da capital mineira. Senhora muito distinta na sociedade belorizontina, muito educada e de elevadas qualidades, cuidou com grande apreço dos netos. Uma das ruas do Bairro Floresta, em Belo Horizonte, é homenagem a um familiar próximo. A rua atualmente chama-se Aquiles Lobo.

O Jardim Botânico da cidade de Belo Horizonte foi criado através de decreto estadual em 1932 (MINAS GERAIS, 1932). Localizado na região da Serra do Taquaril, fazendo parte do complexo da Serra do Curral, foi criado com a intenção de trazer para capital os espécimes vegetais atrativos para os moradores da cidade, tornando uma opção de lazer para seus habitantes na época. Acredita-se que a ideia na época não tenha sido concretizada devido à distância do Jardim em relação ao centro da cidade. Seria difícil o acesso dos moradores até a região. Outra situação também observada, foi a ausência de esforço político para se dar prosseguimento no projeto de manutenção desse Jardim Botânico.

Foi através do Decreto Estadual 28162 de 6 de julho de 1988 que o então abandonado e inexistente primeiro Jardim Botânico de Belo Horizonte se transforma legalmente em Parque Florestal Estadual da Baleia. Andrade e Fonseca (2016) descreve a área atualmente da seguinte forma:

Sua área de 102 hectares apresenta grande diversidade de ambientes naturais, terminada principalmente por sua topografia acidentada, bem como por suas características litológicas e pedológicas. Estão presentes na área campos de altitude, cerrado e uma pequena mata de galeria. A área abriga seis nascentes que são utilizadas pela população do Aglomerado do bairro Serra. (ANDRADE; FONSECA, 2016, p. 11)

Aproximadamente dois anos após ser inaugurado, o Jardim Botânico passa a ser uma simples seção da Estação Experimental de Minas Gerais, atualmente conhecido como Instituto Agrônomo, no qual está inserido o Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. A seção criada permanece fisicamente na mata da Baleia enquanto que a Estação Experimental está instalada na região do bairro Horto.

A contribuição de Mello Barreto para o Estado de Minas Gerais é muito importante nesse período, pois realizou pesquisas e fundou o herbário do Instituto Agrônomo, com coletas realizadas em várias regiões de Minas, agregando assim um quantitativo significativo de informações acerca da biodiversidade mineira naquele período.

Mello Barreto transfere-se com a sua família para as dependências da Estação Experimental no Instituto Agrônomo, onde passa a viver em uma casa modesta, cedida pela instituição para os funcionários.

Foto 1: Prédio da administração do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.



Fonte: Agência de notícias da UFMG, 2010.

Em 1934 é convidado a assumir como Assistente na disciplina de História Natural da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, encerrando essa atividade em 1936. Em 1935 é contratado pela Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte para a cadeira de sistemática do curso de Engenheiros Agrônomos.

Ainda em 1934, foi designado para ser delegado em Minas Gerais, do *Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*, cujo objetivo era fiscalizar as expedições científicas, julgar a idoneidade das expedições, conceder as licenças para diversos fins de coleta de espécimes, entre outros (BRASIL, 1941).

Em 1937 assume a vaga de professor de História Natural na Faculdade de Medicina, permanecendo no cargo até 1939. Ainda nesse ano, fez parte de comissão da Faculdade de Odontologia e Farmácia da Universidade de Minas Gerais na banca examinadora do concurso para catedrático de Botânica aplicada à Farmácia.

Mello Barreto não possuía formação acadêmica, sendo formado pela prática das atividades e também pelas observações realizadas ao longo dos seus estudos no campo da Botânica. Seu conhecimento e prestígio era tanto, que Adolpho Ducke atesta em 1939 que Barreto possuía capacidade técnica para exercer a função de Botânico na Seção de Botânica

do Serviço Florestal. Ainda nesse ano, o cargo ao qual pertencia foi transformado em Chefe da Seção de Experimentação Vegetal na Estação Experimental, onde permaneceu até 1946.

Em 16 de novembro de 1939, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, em sessão solene no Instituto Biológico Ezequiel Dias, assina a ata de criação da Sociedade de Biologia de Minas Gerais, afiliada da Sociedade de Biologia de Paris. Essa sociedade foi criada com o objetivo de estimular, fomentar e divulgar conhecimentos relacionados à Biologia e ciências afins. Nomes importantes compunham essa sociedade, como o médico Ezequiel Dias, Amílcar Viana Martins, J. Baeta Vianna, Henrique Marques Lisboa.

Após adquirir vasto conhecimento sobre a flora mineira, em 1940, Mello Barreto encontra-se com Burle Marx, importante arquiteto paisagista brasileiro. Belo Horizonte passava a receber intensos investimentos em infraestrutura nesse período e então, o vanguardista Juscelino Kubitschek, prefeito da capital, convida Burle Marx para planejar diferentes projetos paisagísticos pela cidade. Em parceria com Mello Barreto, Burle Marx assumia mais de 17 projetos, entre jardins públicos e residenciais, parques e praças, não somente em Belo Horizonte, mas também em Araxá, Cataguases, Ouro Preto e Pará de Minas. (DOURADO, 2009)

Nesse encontro, “surgia então um novo conceito de paisagismo que se utilizava da flora nativa na composição de jardins e relegava a categoria de modismo os jardins de modelo europeu” (LANA, 2009). Segundo Burle Marx, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto era um homem extremamente inteligente, com grande saber botânico e profundo conhecimento da flora sul-americana. (LANA, 2009). Mello Barreto era exímio especialista da flora mineira e brasileira, contribuiu então para uma nova maneira de se fazer urbanismo no Brasil e ao prestar sua consultoria botânica para Burle Marx, ele valoriza as expressões das belezas naturais de espécimes nativos do país, demonstrando que as espécies presentes na flora brasileira também possuíam, e ainda possuem, um grande potencial paisagístico e de belezas inigualáveis.

“Mello Barreto mostrou a importância de adotar, na proposta paisagística, os elementos dos ambientes naturais que circundam as próprias áreas de intervenção e ordenamento, dando coerência à solução, mantendo o *continuum* do conjunto entre paisagem construída e natural, em suma, integrando a obra ao seu entorno. Como dizia Burle Marx, “fazer jardins não é imitar servilmente a natureza”. Mantendo-se, até o fim, fiel a este princípio, seu contato com Mello Barreto abriu-lhe a possibilidade de relacionar o jardim construído com as feições naturais circundantes, de criar um ambiente arquitetônico claramente elaborado pelo homem, mas que considera e incorpora o ambiente onde se inclui, e não se destaca como um fragmento estranho, uma imposição à paisagem. Nesse aspecto, a relação entre os dois funcionou como uma feliz complementaridade: de um lado, o talento

do criador do paisagista, e do outro, uma sólida base científica do botânico, dando substância à ecológica à criação”. (LANNA, 2009, p. 46)

Mediante as consultorias realizadas para Burle Marx, Mello Barreto necessitou conhecer de maneira bem precisa grande parte da flora brasileira e principalmente a flora de Minas Gerais, Estado onde seriam executados os principais projetos em parceria. Assim, com o auxílio do seu conhecimento e do acervo já disponível no herbário do Instituto Agrônomo de Minas, acredita-se que Mello Barreto necessitou fomentar suas buscas por novos espécimes a fim de serem úteis para os desdobramentos das propostas paisagísticas.

Mello Barreto também se tornou amigo pessoal de Burle Marx. Os dois tinham uma característica botânica em comum: ambos gostavam de palmeiras. No período em que esteve no Rio de Janeiro como diretor do Zoológico, Mello Barreto sempre visitava o amigo em Barra de Guaratiba, onde o arquiteto mantinha sua coleção botânica viva. Nos dias atuais, lá se podem encontrar diferentes espécimes de Arecaceae, muitos importados de outros países.

O sítio atualmente foi transformado em museu e recebe visitantes de vários lugares do Brasil e do mundo. Ainda abriga estufas originais do período que Burle Marx trabalhava em suas dependências, além da sua casa em parte conservada, onde se podem ver os objetos de arte de sua coleção particular. Sua oficina também faz parte da visitação, um grande galpão em uma parte alta do terreno, planejada para ser o ateliê de pinturas principalmente, de onde se podem ver os jardins por cima.

Entre 1940 e 1941, Mello Barreto é convidado a participar da banca examinadora de concursos para catedráticos na área de Botânica na Escola de Farmácia de Ouro Preto e na Faculdade de Odontologia e Farmácia da Universidade de Minas Gerais.

Em agosto de 1946, Mello Barreto é colocado à disposição em seu cargo na Estação Experimental para assumir o cargo em comissão de diretor do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Foi convidado por reconhecerem seu excelente trabalho em Minas e acreditarem que ele teria capacidade de melhorar as condições desse “zoo”, que passava por grandes dificuldades naquela época. Alguns animais foram comprados e a condições ambientais para sobrevivência dos mesmos era precária. Assim, muitos animais estavam morrendo e a visitação declinava cada vez mais.

Aceitando o convite, ele muda com toda a sua família para as dependências do Jardim Zoológico na Quinta da Boa Vista na cidade do Rio de Janeiro. Deixando seu exemplar trabalho em Minas Gerais, passa a prestar os serviços para a Prefeitura do Distrito Federal, hoje, Rio de Janeiro. Naquele momento pareceu inusitado a contratação de um botânico para

dirigir um jardim zoológico. Esse fato se explica, além dele ter demonstrado ao longo do tempo ser excelente administrador, porque também Mello Barreto não só conhecia das plantas, mas também da interação das mesmas com o ambiente e ainda, muito observador, entendia bem como se organizavam os animais e plantas na natureza (RENNÓ, 1965). Também adquiriu conhecimentos zoológicos ao ajudar sua tia a traduzir os escritos de Spix e Martius durante suas viagens pelo Brasil.

Outro fato que contribuiu para sua seleção foi a sua participação na Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada em 1938 no Rio. Seu trabalho obteve voto de louvor na sessão plenária de encerramento, sendo único entre os trezentos especialistas ali presentes, a receber tal condecoração.

Inicialmente, Mello Barreto reorganizou as áreas dos animais, modificando todos os recintos de forma a fornecer o máximo da realidade natural para que os animais não sofressem ou se adaptassem à sua nova condição em cativeiro. Assim, as perdas foram com o tempo sendo minimizadas e segundo Rennó (1965), Mello Barreto confessou a ele que a renda do Jardim Zoológico com o valor da entrada cobrada de visitantes, estava conseguindo pagar os investimentos realizados na compra de animais importados. Pode-se observar que o zoológico passa de uma instituição falida para uma grande atração turística no Rio de Janeiro.

Os reconhecimentos pelo excelente trabalho vieram por todos os lados: homenagens de políticos, de reconhecimento por pesquisadores internacionais, da imprensa da época. Em 1950, o prefeito do Distrito Federal, à época Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, em visita ao Jardim Zoológico, fica encantado com as dependências e a qualidade dos animais nos recintos. Envia então um ofício para a Secretaria Geral da Agricultura, Indústria e Comércio, a qual estava vinculado o Jardim Zoológico, elogiando a presteza com que Mello Barreto dedicou a ele durante a visita e também fazendo um louvor em reconhecimento à operosidade e eficiência dele na administração do zoo. O secretário, Accácio Gonçalves da Silva, tratou logo de remeter um ofício a Mello Barreto, e em seu conteúdo, além de transcrever o elogio do prefeito, também demonstra protestos de distinta consideração.

Pesquisadores internacionais e diretores de instituições museológicas visitaram o Jardim Zoológico e reconheceram o excelente trabalho realizado por Mello Barreto. Personalidades como Jean Delacour, diretor do Museu de Los Angeles, Estados Unidos; Heini Hediger, diretor do Jardim Zoológico de Zurich, na Suíça, e Anibal Gacitua, diretor do Jardim Zoológico Nacional de Santiago do Chile, relataram encontrar um zoológico possuidor de

instalações de alto padrão internacional. Delacour ainda diz que apoiaria a indicação de Barreto para membro da *Union Internationale des Directeurs de Jardins Zoologiques*.

Outra homenagem prestada a ele foi pela Esso Standard do Brasil, empresa estadunidense ligada à distribuição de gasolina e querosene. Em 1953 a empresa conferiu a Mello Barreto o diploma e a medalha de “Honra ao Mérito” por sua dedicação como diretor ao Jardim Zoológico da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a homenagem, um administrador não pode pensar apenas nas situações administrativas da gestão do “zoo” e fazer dele veículo de educação e instrução. Deve pensar também nos animais, em sua situação longe do habitat natural. O prêmio então reconhece que Barreto dedicava sua vida a observação e cuidado com os animais, demonstrado nas excelentes instalações construídas para abrigá-los no Zoológico.

Nas fotos dois e três pode-se observar Mello Barreto acompanhando visitantes nos diversos recintos de animais no zoológico do Rio de Janeiro. Sempre com muito profissionalismo e conhecimento, ele dedica-se pessoalmente na recepção dos visitantes.

Sua fama de bom administrador o faz receber vários convites para colaborar com a criação de Jardins Zoológicos pelo país. O Estado de São Paulo recebeu consultoria por parte de Mello Barreto. A nova capital do Brasil estava sendo planejada e executada pelo então presidente Juscelino Kubistchek. Algumas viagens foram feitas ao planalto central na intenção de auxiliar na construção do jardim zoológico a ser implantado em Brasília.

Em 20 de outubro de 1962, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, deixa a vida física na Terra. Em pleno trabalho no Jardim Zoológico, sofre infarto fulminante, deixando uma vida de estudos e realizações no campo científico e administrativo. Segundo consta notícia da época, o Zoo do Rio fecha a suas portas no dia de sua morte em homenagem ao tão querido e exímio administrador e informa também que ele faleceu como desejava: trabalhando no “seu jardim”.

Foto 2: Mello Barreto (ao centro, de avental) mostrando os recintos aos visitantes no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo familiar

Foto 3: Mello Barreto (ao centro, de avental) recebendo visitantes no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo familiar

Escritas sobre a vegetação e a flora de Minas Gerais

Como pode ser percebido, Mello Barreto foi um indivíduo com boa capacidade de convivência, de bons relacionamentos interpessoais, uma pessoa bastante dedicada aos seus estudos. Muito observador, conseguia obter conhecimentos novos através da pesquisa que fazia em suas coletas e na análise dos materiais que chegavam a suas mãos. Por esse motivo, algumas obras foram construídas por ele ao longo de sua vida. Essas estão vinculadas principalmente ao seu trabalho como botânico e possuindo vínculo empregatício com alguma autarquia governamental.

A obra “Regiões Fitogeográficas de Minas Gerais” foi reproduzida duas vezes além da sua publicação original. Publicada originalmente no Boletim número 4 do Departamento Geográfico de Minas Gerais em 1942, a mesma foi também reeditada no Anuário Brasileiro de Economia Florestal, em 1949, além do Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, em 1956. (RENNÓ, 1965)

Mello Barreto foi convidado pelo então diretor do Departamento Geográfico de Minas Gerais em 1942, Sr. Benedito Quintino dos Santos, para escrever esse trabalho sobre a flora mineira. De acordo com Quintino, na apresentação da obra, Mello Barreto foi convidado por ser reconhecido pela sua competência como botânico. O trabalho realizado por ele foi bem valorizado porque Quintino acreditava que os dados disponibilizados através do trabalho preencheriam a lacuna que havia em relação ao conhecimento relativo às doenças tropicais, principalmente no que se referia “à localização das moléstias silvestres, além do interesse geral de ordem geográfica e botânica.” (BARRETO, 1942)

Mello Barreto, pertencente ao quadro de servidores da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais, escreve no prólogo da obra sobre a honra que sentiu pelo convite, e conhecedor de suas potencialidades, relata que o que escreve é apenas uma pequena amostra diante da diversidade que a flora mineira se apresenta. Esse conhecimento ainda seria necessário ser complementado com outros estudos mais apurados sobre a diversa e rica flora desse Estado. Atualmente sabe-se que a flora de Minas Gerais é a mais rica do país, com mais de 11 mil espécies de angiospermas (BFG, 2015).

Mello Barreto divide seu trabalho em oito capítulos, sendo seis deles referentes às diferentes regiões botânicas; um capítulo referente às formações ruderais e um exclusivo para a literatura pesquisada. Importante ressaltar que as regiões descritas foram bem definidas pelos estudiosos da época. Pode-se verificar também, que através da literatura apresentada, ele

procurou preencher as suas lacunas de conhecimento com informações de botânicos e naturalistas que realizaram suas pesquisas na vegetação mineira.

O cuidado do nosso biografado em deixar clara a limitação de seus estudos é notório logo em sua apresentação. Deixa claro que a ênfase principal é dada à região central de Minas, onde, devido à proximidade com Belo Horizonte, torna-se mais barato realizar as incursões e pesquisas. Quanto mais afastado da região central do Estado, mais difícil se torna o acesso, e conseqüentemente, o esforço amostral.

A primeira região descrita foi a dos campos, que segundo ele, abrange mais da metade do território mineiro. Várias são as constituições desse cenário, desde cerradões, até os alpinos, no alto das montanhas. Muitos foram os naturalistas que por essa região andaram. Nesse capítulo há uma descrição da localização de suas coletas do gênero *Lavoisiera* ao longo da estrada da Serra do Cipó. Como já se sabe, esse era o táxon de dedicação principal de Mello Barreto. Devida à vasta diversidade de espécimes encontradas na Região dos Campos, esse foi o capítulo mais extenso da obra.

A segunda região a ser tratada é a das Caatingas, onde é caracterizada por apresentar espécimes típicos com estruturas especiais para suportar as árduas condições do meio onde os espécimes vegetais estão inseridos. Naturalistas como Martius são citados como referência nessa fitorregião. Ressalta-se também a importância que alguns espécimes possuem para fins medicinais, sendo muito utilizados pela população local.

A terceira região a ser tratada, é a de Cocais, onde há predomínio de vegetação de palmeiras advindas de outras formações como matas, cerrados, etc. Predomínio de *Mauritia vinifera* Mart., hoje *Mauritia flexuosa* L., o buritizeiro, em borda do rio São Francisco. A quarta região descrita é a de Matas Costeiras, mas que o contexto da escrita desse trabalho é denominada Mata Atlântica. Para Mello Barreto, essas terras eram as que possuíam bom potencial para a agricultura e por esse motivo, pouco se encontrava preservado dessa região fitogeográfica. Segundo ele, ocorrem muitas espécies de uso medicinal e também comercial, como *Anisosperma passiflora* Silva Manso, sinônimo de *Fevillea passiflora* Vell., a castanha mineira, e também *Euterpe edulis* Mart., o palmito-doce ou jussara.

A quinta região, denominada de Pinhais, está representada pelo pinheiro-do-paraná *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze, e pela congonha ou erva-mate, *Ilex paraguariensis* A.St-Hil. A sexta região é denominada de Vazantes. Está localizada junto aos rios que em determinadas épocas do ano estão cheios, submergindo as plantas, e em outras épocas estão com o volume de água reduzido, tornando o solo bem seco na mesma região anteriormente

inundada. Cita a Unha-de-vaca, *Bauhinia microphylla* Vog., hoje *Bauhinia bauhinoides* (Mart.) J.F. Macbr. como um representante bem específico.

Para encerrar, ele trata também das Formações Ruderais, que segundo Mello Barreto, é onde há espécies que se beneficiam dos detritos gerados pelos homens. Estão sempre acerca das casas e construções. Essas espécies vegetais podem conter grande quantidade de pólen trazendo riscos de alergia para a população. Traz os gêneros *Amaranthus*, *Euphorbia*, *Ricinus*, *Ambrosia*, entre outras, como principais constituintes da flora ruderal.

Outra obra também escrita por Mello Barreto foi “*Lavoisieras* da Serra do Cipó” publicado em 1924 no Boletim da Estação Experimental de Agricultura de Belo Horizonte, em seu primeiro volume. (RENNO, 1965). Obra essa citada em algumas descrições de *Lavosierra* nos periódicos Oréades e Rodriguésia.

Outra obra também citada por Rennó em 1965 foi “O gênero *Lavoisiera* em Minas Gerais, sob o ponto de vista fitogeográfico”, trabalho apresentado em 1938 na 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica. Nesse mesmo evento, também apresentou “*Melastomataceas* novas da Serra Geral”, trabalho que recebeu louvor por parte de Adolpho Ducke, conforme registro do Jornal do Comércio na época. A ata da reunião foi publicada nesse periódico.

Em 1940, no 9º Congresso de Geografia, apresentou o trabalho intitulado “A flora de Canga na Serra do Rola Moça”. (RENNÓ, 1965)

Segundo relato de “Dona Dalva”, sua familiar entrevistada, Mello Barreto não era muito de escrever seus trabalhos, então, grande parte do seu conhecimento ficou sem registro físico para posterioridade. Segundo ela, ele falava no mínimo quatro línguas, Português; Inglês; Francês e Alemão, e seria um autodidata. Rennó (1965) também relata que escrevia e lia bem em Latim e que Barreto se gabava por falar um francês fluente.

Lavoisiera: seu grupo de estudo

Mello Barreto tinha uma capacidade de observação diferenciada. Como conhecia bastante de Melastomataceae, ao ir para campo, conseguia observar bem os espécimes e perceber características diferentes em alguns deles. Acreditava então, ser espécies não publicadas. Algumas delas, em diferentes famílias botânicas, receberam nome dado por ele. Muitos foram os espécimes incorporados à coleção do herbário BHMH indicados como espécies novas, mas que não foram efetivamente descritos ou validamente publicados.

Verificando o acervo de tipos do herbário BHCB, vários foram os pertencentes à família Melastomataceae designados por Mello Barreto. Como foi observado, esse grupo foi

muito coletado por ele e também muitos estudos foram realizados. Não foi encontrada nenhuma referência durante a pesquisa que demonstrasse o porquê do interesse dele por esse grupo para o trabalho. Na tabela abaixo, listamos os espécimes que ele descreveu e nomeou inicialmente e qual o nome atual desses espécimes.

Tabela 1: Relação das Melastomataceae reconhecidas ou descritas como novas por Mello Barreto. Nomes publicados atualmente destacados em negrito.

Táxon	Nome publicado atualmente
<i>Cambessedesia</i>	
<i>C. hilariana</i> var. <i>pluridentata</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	<i>C. hilariana</i> (Kunth) DC.
<i>C. itamarandibensis</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>Chaetostoma</i>	
<i>Chaetostoma mendes-magalhaensii</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	<i>Microlicia juniperina</i> A.St.-Hil.
<i>Lavoisiera</i>	
<i>L. adamantium</i> Mell. Barr.	<i>L. adamantium</i> Barreto ex Pedersoli
<i>L. adamantium</i> var. <i>major</i> Mell. Barr.	<i>L. adamantium</i> Barreto ex Pedersoli
<i>L. alba</i> var. <i>longifolia</i> Mell. Barr.	<i>L. alba</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. blackii</i> Mell. Barr. (nom. nud. in sched.)	
<i>L. bradeana</i> Mell. Barr.	<i>L. bradeana</i> Barreto
<i>L. britoana</i> var. <i>boavistana</i> Mell. Barr. (nom. nud. in sched.)	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. britoana</i> var. <i>intermedia</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. britoana</i> var. <i>latidentata</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. britoana</i> var., <i>macrodonta</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. L. britoana</i> var. <i>microdonta</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. britoana</i> var. <i>obovatodentata</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. caryophyllea</i> var. <i>latifolia</i> Mell. Barr.	<i>L. caryophyllea</i> A.St.-Hil. ex Naudin
<i>L. cataphracta</i> DC var. <i>grandifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. cataphracta</i> DC var. <i>macrocalyx</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. cataphracta</i> DC var. <i>parvifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. cataphracta</i> DC var. <i>subserrulata</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. candolleana</i> Mell. Barr.	<i>L. candolleana</i> Barreto – Nome não resolvido
<i>L. campos-portoana</i> Barreto	= <i>L. crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. compta</i> var. <i>longiciliata</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. cogniauxana</i> Mell. Barr.	<i>L. cogniauxana</i> Barreto
<i>L. cordata</i> var. <i>grandifolia</i> Mell. Barr.	<i>L. cordata</i> Cogn.
<i>L. crassifolia</i> var. <i>campos-portoana</i> Mell. Barr.	= <i>L. crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. crassifolia</i> var. <i>macrocalyx</i> Mell. Barr.	= <i>L. crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. crassifolia</i> var. <i>longifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.

Táxon	Nome publicado atualmente
<i>L. crassifolia</i> var. <i>robusta</i> Mell. Barr.	= <i>L. crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. crenulata</i> Mell. Barr.	= <i>L. rundeliana</i> Almeda & A. B. Martins, sp. Nov.
<i>L. francavillana</i> var. <i>longiciliata</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. freireana</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. geraldoana</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. gouveana</i> Mell. Barr.	= <i>L. macrocarpa</i> Naudin
<i>L. hoehneana</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. lutzii</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. marqueslisboana</i> Mell. Barr.	Possível híbrido entre <i>L. caryophyllea</i> e <i>L. confertiflora</i> .
<i>L. mucorifera</i> var. <i>parvifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. mucorifera</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. naudiniana</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. paranaenses</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. pectinata</i> var. <i>neurosetosa</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. pectinata</i> var. <i>parvifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. imbricata</i> (Thunb.) DC
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>angustifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>candida</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>cipoana</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>firmula</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>latifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>macrocarpa</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>majos</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>obtusifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>ovalifolia</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. pulcherrima</i> var. <i>venusta</i> Mell. Barr.	= <i>L. pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.
<i>L. sampaioana</i> Mell. Barr.	= <i>L. sampaioana</i> Barreto
<i>L. sampaioana</i> var. <i>parvifolia</i> Mell. Barr.	<i>L. sampaioana</i> Barreto
<i>L. subglutinosa</i> Mell. Barr.	<i>Microlicia pabstii</i> Brade
<i>L. torrendiana</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
<i>L. vernicosa</i> Mell. Barr.	= <i>M. vernicosa</i> (Barreto ex Pedersoli) A.B.Martins & Almeda
Microlicia	
<i>M. euphorbioides</i> var. <i>acutifolia</i> Mell. Barr.	= <i>M. euphorbioides</i> Mart.
<i>M. regeliana</i> var. <i>atenuata</i> Mell. Barr.	<i>M. regeliana</i> Cogn.
Pyramia	
<i>P. mendes-magalhaensis</i> Mell. Barr. (nom. nud.)	
Svitramia	

Táxon	Nome publicado atualmente
<i>S. wilson-araujaei</i> Mell. Barr. (<i>nom. nud. in sched.</i>)	
<i>Trembleya</i>	
<i>T. cipoana</i> Mell. Barr.	<i>T. pentagona</i> Naudin
<i>T. coriaceae</i> Mell. Barr.	<i>T. parviflora</i> (D. Don) Cogn.
<i>T. curralensis</i> Mell. Barr.	<i>Microlicia</i>
<i>T. joannesiana</i> Mell. Barr.	<i>T. pentagona</i> Naudin

Fonte: Dados da pesquisa, Rennó (1965), Martins & Almeda (2017), Barreto, (1935a, b e c, 1936).

Pode-se verificar que muitos foram os espécimes que Mello Barreto acreditava ser uma espécie nova. A grande maioria dos nomes e das suas descrições não foram efetivamente publicadas tornando os nomes não validados (*nomen nudum*) (TURLAND, 2013). Segundo Rennó (1965) e Dona Dalva, sua nora, ele não gostava muito de escrever, e pode ser esse um dos motivos dos espécimes não terem sido publicados.

Algumas espécies ele chegou a publicar, como *Lavoisiera sampaioana* Barreto (BARRETO, 1935c) e *Lavoisier. bradeana* Barreto (BARRETO, 1936). Outras não tiveram o mesmo caminho e não foram publicados como *Pyramia mendes-magalhaensis* Mell. Barr. e *Svitramia wilson-magalhaensis* Mell. Barr.

Na tabela 3, listamos todos os nomes designados por Mello Barreto encontrados nas exsiccatas e na literatura, e indicamos o nome como está publicado atualmente. Uma espécie, a *Lavoisiera candolleana* Barreto (BARRETO, 1936), tem o seu nome não resolvido de acordo com Martins e Almeda (2017). As características florais nos tipos analisados não permitem uma conclusão exata se realmente *Lavoisiera. candolleana* Barreto é uma espécie ou está próxima a *Lavoisiera. alba* Martius & Schrank.

Ainda no mesmo trabalho, os autores apresentam a espécie nova *Lavoisiera rundeliana* Almeda & A. B. Martins, sp. nov.. Conforme discussão apresentada por eles, a espécie descrita por Mello Barreto, a *Lavoisiera crenulata* Mell. Barr., não foi efetivamente publicada. Dessa forma, realizaram a descrição e publicação da espécie com nome diferente ao dado por Barreto na época.

Mello Barreto e Burle-Marx

Além das obras manuscritas sobre a vegetação e a flora de Minas Gerais, é importante destacar a sua participação em projetos paisagísticos em parceria com Roberto Burle-Marx.

Quando eles se conheceram, é difícil precisar. Mello Barreto certamente vivenciou o surgimento de uma vertente literária do movimento modernista em Cataguases, quando cidade que foi palco em 1927 do Movimento Verde (SANT'ANA, 2006). Em 1928, Burle Marx contava com apenas 24 anos e estava na Alemanha com a família, e foi lá que, visitando o Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, vendo plantas brasileiras sob cultivo, despertou para o potencial de seu uso no paisagismo (PORTO, 2005). Ao retornar ao Brasil, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, convivendo no período com arquitetos modernistas como Oscar Niemeyer. Então, mais provável é que eles tenham se conhecido através das demandas dos projetos encomendados por Juscelino Kubitschek para Belo Horizonte, no período em que foi prefeito entre 1940 e 1945.

Foi através dos projetos de jardins em Belo Horizonte que os dois iniciaram uma parceria de sucesso. O projeto original do ajardinamento da Igreja da Pampulha, apresentado por Burle Marx, informava que Mello Barreto era colaborador do projeto. Esse foi o primeiro trabalho de parceria entre os dois. As informações sobre os jardins da Pampulha para o público não especializado, para o senso comum, sempre mostram a grande obra paisagística deixada por Burle Marx, não havendo qualquer citação da importância de Mello Barreto na construção desses complexos arquitetônicos. Contudo, em literaturas especializadas sobre a vida de Burle Marx, sempre há citação da contribuição do aqui biografado no estilo paisagístico do famoso arquiteto.

Na atualidade, os projetos paisagísticos da Pampulha construídos pelos dois estão totalmente descaracterizados. Espécimes foram substituídos, espaços modificados, contornos alterados. A Igreja São Francisco de Assis, por exemplo, demonstra essas alterações. Conforme pode se ver na Imagem 1, o que era para ser um roseiral em homenagem a Virgem Maria, hoje não possui nem uma espécie de rosa no local. Conforme pode-se se ver no projeto, há uma referência a essa construção.

Imagem 1 : Referência ao roseiral na descrição do projeto de ajardinamento da Igreja São Francisco de Assis na Pampulha, Belo Horizonte.

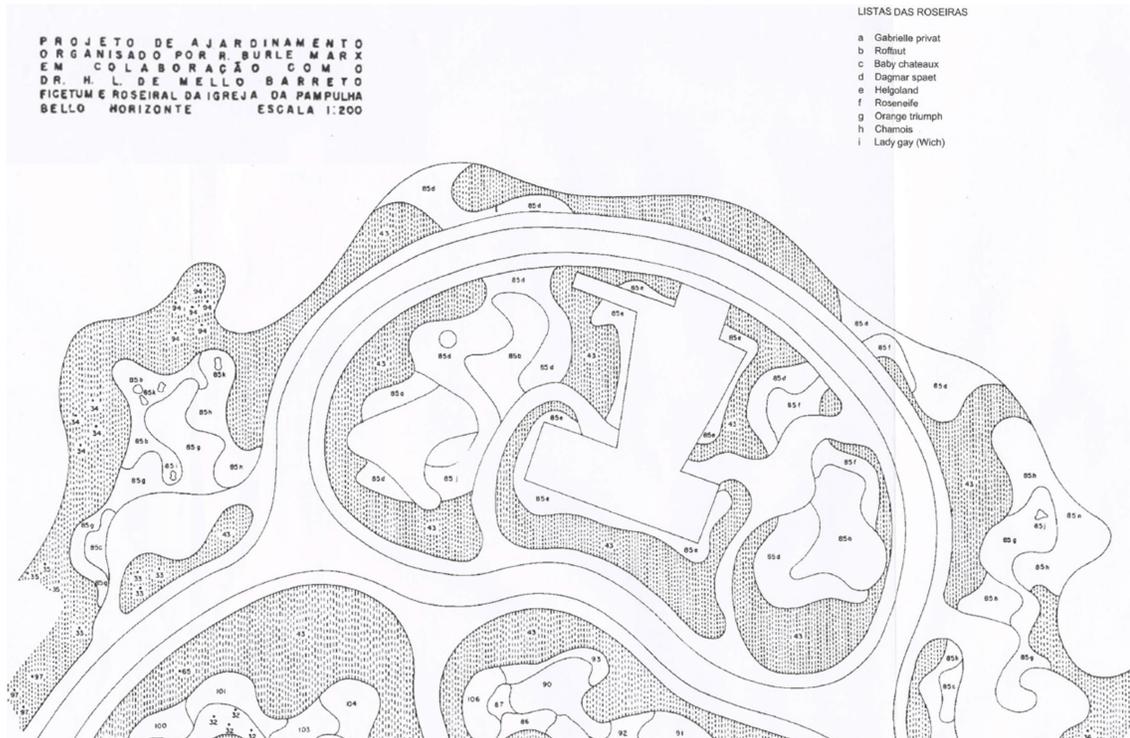
Projetau-se um roseiral que ficará junto da Igreja pois a tradição mostra que grande foi a influência da Rosa na religião católica. A Virgem, nos antigos hinos à Maria, era comparada à Rosa, sendo denominada "Rosa entre as mulheres". As chagas de Cristo eram Rosas vermelhas e de algumas gotas do seu sangue nasceram roseiras do musgo ao pé da Cruz. Da relação entre a Mãe de Deus, os sofrimentos de Cristo e a Rosa surgiu o Rosário. É símbolo da Virtude e da Humildade a Rosa de Ouro dos Papas. As lágrimas de Madalena descobriram a Rosa Vermelha que se transformou em Rosa branca. Nasceram Rosas dos ouvidos, dos olhos e das bocas dos santos monges e os martires obtiveram a graça de exalar perfume de Rosa das suas bocas. O Diabo abomina a Rosa e as pessoas possuídas pelo espírito demoníaco não podem se acercar das Roseiras. São Cipriano e Santo Agostinho descreveram os jardins celestiais como repletos de Roseiros e Dante comparou o Paraíso a uma grande Rosa. Santa Doroteia, segundo a lenda, transformou Rosas em pães e na arquitetura das catedrais medievais ela foi motivo magnífico para as rosaceas que as decoram. Ainda recentemente Santa Terezinha do Menino Jesus disse "Je veux passer mon Ciel à faire du bien sur la terre... Je ferai tomber une pluie de roses."

Fonte: Adaptado de projeto cedido por Marlon Souza, Sítio Roberto Burle Marx.

Em recente avaliação realizada pela UNESCO, o complexo arquitetônico da Pampulha foi reconhecido como patrimônio cultural da humanidade. Mas algumas condições teriam que ser atendidas pelo poder público. Uma delas é retornar os jardins em sua forma original, tanto dos contornos quanto dos espécimes planejados para comporem o paisagismo. Com tal medida, esperamos que possa vir à tona o pioneirismo de uso da flora nativa de Minas Gerais por Burle Marx e Mello Barreto em projetos paisagísticos, bem como o reconhecimento da participação do último na grande obra tombada.

Conforme pode-se ver na imagem 2, os jardins em volta da Igreja São Francisco de Assis eram compostos apenas por rosas de diferentes variedades. Na foto 4, verifica-se que não há nenhuma espécie de rosa planta no local da data de realização desse trabalho.

Imagem 2: Projeto de ajardinamento da Igreja São Francisco de Assis, demonstrando o roseiral e suas variedades.



Fonte: Adaptado de projeto cedido por Marlon Souza, Sítio Roberto Burle Marx.

Foto 4: Imagem da Igreja São Francisco de Assis atualmente, sem qualquer espécie de rosa em seu ajardinamento.



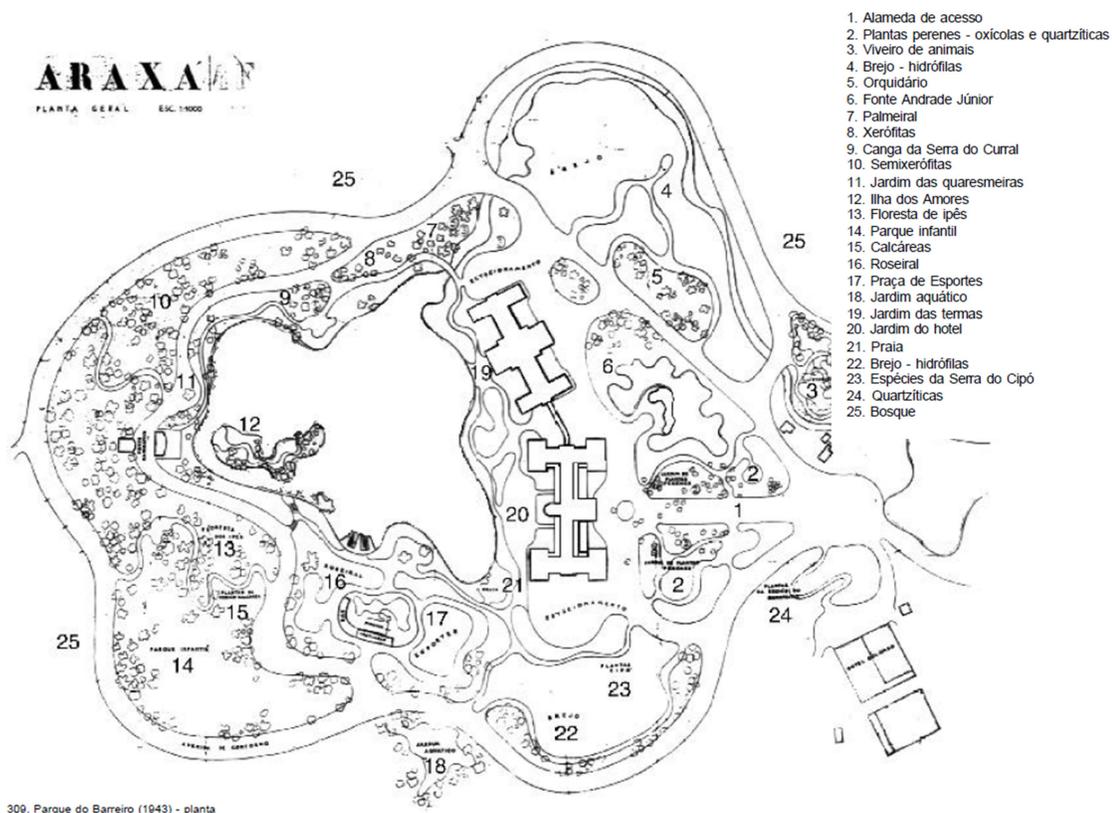
Fonte: Foto do Autor

Outros projetos também foram elaborados pelos dois em parceria em Belo Horizonte. Juscelino Kubitschek, com seu tom vanguardista, desejava uma Pampulha com moldes modernos. Contratou também Burle Marx para os projetos de paisagismo do Cassino, hoje Museu de Arte da Pampulha, da Casa do Baile, do Iate Clube e do jardim da sua casa na Pampulha, hoje transformada no Museu Casa Kubitschek. Esses então foram todos executados. Outros, que ficaram apenas no papel foram: Lar dos Meninos, Golf Clube, Grande Hotel da Pampulha, Parque Vereda e Praça Santa Rosa. Essa última, onde em seu lugar está atualmente a Praça Alberto Dalva Simão, não foi construída conforme planejava o projeto de Burle Marx e Mello Barreto.

O Parque do Barreiro em Araxá é um projeto de grande legado deixado por Burle Marx, que sem a participação de Mello Barreto, talvez não pudesse ter sido implementado. Inaugurado na década de 1940, o complexo contava com jardins de diferentes formatos, trazendo para a vegetação local espécimes característicos dos diferentes ambientes vegetacionais encontrados no Brasil. Burle Marx e Mello Barreto viajaram para diferentes regiões de Minas Gerais para coletar plantas para compor os jardins porque não haviam espécimes que desejavam no comércio de plantas e desejavam inserir plantas autóctones no projeto. Também procuraram inserir vegetação que pudesse florir em diferentes épocas do ano, assim, os jardins teriam uma diversidade paisagística ao longo do ano. Plantas com características cromáticas diferentes, também foram empregadas para que as cores diversas pudessem causar um efeito visual mais interessante nos visitantes. (NUCLEO DE TEORIA E HISTÓRIA, 2009)

Podemos observar na planta projeto do Parque do Barreiro, na imagem 3, os diferentes paisagismos compostos por plantas originárias da canga da Serra do Curral, espécies da Serra do Cipó, plantas hidrófilas, semixerófitas, de formações calcárias e quartzíticas. Todos componentes da flora mineira.

Imagem 3: Planta do projeto do Parque do Barreiro em Araxá demonstrando na legenda as diferentes composições paisagísticas.



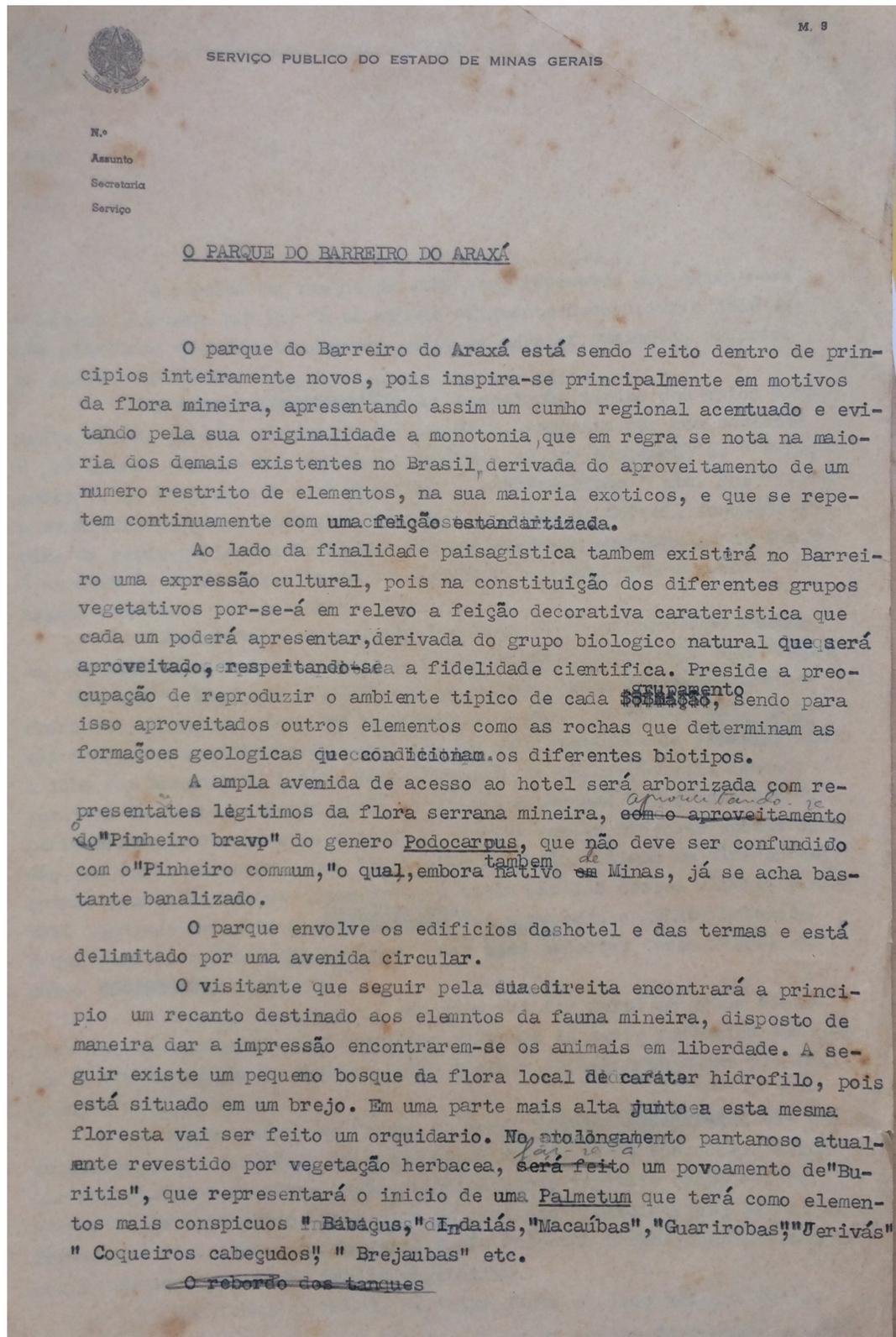
Fonte: Adaptada de Porto (2005).

Esse momento da trajetória de trabalho de Burle Marx foi muito importante pois o conhecimento adquirido ao longo das viagens e coletas, fez com o arquiteto modificasse um pouco o modo de conceber seus trabalhos. O conhecimento botânico gerado fez com que os próximos projetos de sua carreira tornassem mais integrados ao meio ambiente no qual o projeto estava sendo implantado. Segundo o arquiteto, Mello Barreto o fez enxergar a vegetação como um sistema, todo integrado. (PORTO, 2005)

Na década de 1930, pouco ou nada se utilizava de espécimes autóctones para confecção de jardins no Brasil. Geralmente as referências eram os jardins da Europa. Com o movimento Modernista, no qual Burle Marx estava inserido, as espécies nativas passam a ser levadas em conta no paisagismo brasileiro. Dessa forma, ele contribuiu para que ocorresse uma mudança no modo que a sociedade brasileira olhava para a vegetação local e a forma como essas plantas formavam a paisagem local. (PORTO, 2005)

Em sua obra Tabacow (2004) traz o reconhecimento de Burle Marx a Mello Barreto. Em sua fala o arquiteto traz a importância de se conhecer a vegetação local e que é muito mais relevante estudar *in situ* o comportamento dos espécimes vegetais do que sentado e debruçado sobre os livros. Burle Marx completa que é importante entender não só o espécime, mas sim todo o meio que o cerca porque a interação entre os espécimes e o meio é o que permitirá uma boa condição paisagística. E diz ainda que foi Mello Barreto quem demonstrou essa necessidade a ele. Conforme pode ser visto na imagem 4: um texto escrito por Mello Barreto sobre a obra de Araxá, demonstrando o conceito trazido para a execução do projeto.

Imagem 4: Rascunho do texto escrito por Mello Barreto sobre a composição paisagística do Parque do Barreiro em Araxá



Fonte: Documentos Pessoais cedidos pelos familiares.

Os trabalhos foram intensos para execução da obra do Complexo do Barreiro. Mello Barreto através de suas incursões pelas matas mineiras conseguiu adquirir muitos espécimes para serem utilizados na composição vegetal do balneário de Araxá e fazia o envio para que Burle Marx as utilizasse. Porto (2005) relata que o paisagista se frustrou um pouco em decorrência das enormes dificuldades de executar os jardins conforme estudado e planejado pelos dois parceiros. Muitas foram as reações negativas de pessoas que não compreendiam bem o projeto. Assim, boa parte do que foi planejado, foi descaracterizado, realizados em parte ou ainda não saíram do papel.

Porto (2005) ainda relata que até a morte de Mello Barreto em 1962, Burle Marx sempre obteve ajuda do então amigo e parceiro botânico na elaboração de seus projetos, nas pesquisas científicas realizadas pelo arquiteto e também na constituição e cuidado do viveiro no Sítio Santo Antônio da Bica, atualmente conhecido como Sítio Roberto Burle Marx. Mello Barreto ainda ajudou a compor o paisagismo no Rio de Janeiro, na Praça Salgado Filho e no Aterro do Flamengo entre outros.

Onde estão as amostras coletadas?

O acervo coletado por Mello Barreto encontra-se disperso em diversas coleções do Brasil e do exterior. Foram encontradas amostras em 27 herbários brasileiros, contabilizando um total 8717 registros disponíveis e seis herbários do exterior, totalizando 346 registros. Importante frisar nessa análise, que os dados referentes às instituições fora do país são certamente incompletos, pois muitos não possuem acervo informatizado que permita uma busca detalhada.

Conforme ilustrado na tabela 1, o herbário com maior número de exsicatas é o BHCB, apresentando um total de 5005 registros em 2016. O BHCB possui maior quantitativo de espécimes porque recebeu a coleção do extinto herbário BHMH, que foi criado e mantido por Mello Barreto por muitos anos. A maior parte de suas coletas foram depositadas nesse antigo herbário.

Tabela 2: Lista dos herbários brasileiros com maior representatividade de exsicatas coletadas por H.L. Mello Barreto em seu acervo.

Herbário	Exsicatas 2016	Exsicatas 2017	Instituição	UF	Ano de Fundação
BHCB (BHMH)	5005	5181	Universidade Federal de Minas Gerais	MG	1968 (????)
SP	960	1059	Instituto de Botânica	SP	1917
RB	929	929	Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ	1890
R	397	443	Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	1831
ESA	194	194	Universidade de São Paulo (Piracicaba)	SP	1985
CESJ	156	156	Universidade Federal de Juiz de Fora	MG	1941
SPF	64	150	Universidade de São Paulo (São Paulo)	SP	1932
OUPR	23	122	Universidade Federal de Ouro Preto	MG	1986 (1891/1900)
HUEFS	82	82	Universidade Estadual de Feira de Santana	BA	1980
IPA	77	77	Instituto Agrônomo de Pernambuco	PE	1935
UPCB	73	73	Universidade Federal do Paraná	PR	1952
MBM	46	46	Prefeitura Municipal de Curitiba	PR	1965
HEPH	-	28	Jardim Botânico de Brasília	DF	1981
UB	-	25	Universidade de Brasília	DF	1963
FCAB	11	-	Pontifícia Universidade Católica (Nova Friburgo)	RJ	1950
FUEL	-	15	Universidade Estadual de Londrina	PR	1982
Outros herbários	48	33			
Total	8065	8613			

Fonte: Dados da pesquisa

Uma observação deve ser feita nesse ponto. O acervo advindo do herbário BHMH sofreu com a ação do tempo e do descuido institucional após o desligamento de Mello Barreto da Estação Experimental. Antes de ocorrer a transferência entre herbários, muitos espécimes estavam tomados por infestação de insetos. Como consequência, muitos materiais foram destruídos ou tiveram que ser descartados por estarem em péssimas condições de conservação, não podendo ser tombados no herbário BHCB. A perda ocorrida foi imensurável, dado o valor histórico da coleção.

A disponibilização de imagens das exsicatas coletadas por Mello Barreto cresceu muito nos últimos anos. Em um levantamento preliminar pôde-se observar, em abril de 2016, o quantitativo de 138 imagens disponíveis no INCT – Herbário Virtual, com Mello Barreto como coletor principal. Passados quase dois anos, o herbário BHCB conseguiu disponibilizar

a um total de 910 imagens de exsicatas. Com essa inclusão, mais de 1000 imagens de espécimes coletados por Mello Barreto estão disponibilizados para consultas *on-line*, especialmente dos grupos taxonômicos que ele havia trabalhado e também espécies cujos nomes de espécies tenham alguma homenagem a ele.

Importante observar que para disponibilizar as imagens das exsicatas um trabalho grande é feito, conforme explicitado na metodologia. São vários passos a serem seguidos e alguns deles demandam um tempo considerável. Desse modo, um aumento de quase 10 vezes na disponibilidade de imagens é muito significativo para uma coleção como a do herbário BHCB.

O segundo herbário com maior quantitativo de espécimes disponíveis *on-line* foi o SP, com um total de 960 registros em sua base de dados, seguido pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com 929 registros. Importante ressaltar que os dados obtidos do Jardim Botânico não estavam disponíveis no INCT – Herbário Virtual e sim diretamente no site do mesmo, o JABOT.

O quarto herbário com o maior quantitativo de exsicatas disponibilizadas *on-line* é o R. Esse herbário possui uma peculiaridade nas análises dos dados. Acredita-se que para uma melhor curadoria das informações na instituição, o herbário R disponibiliza os dados dos espécimes tipos de modo separado. Assim, somando-se as duas coleções, encontra-se um total de 397 espécimes.

As correspondências encontradas em seu acervo pessoal trazem parte da explicação dos herbários acima citados conterem os maiores quantitativos de espécimes. O herbário SP, hoje pertencente ao Instituto de Botânica de São Paulo, foi administrado por Frederico Carlos Hoehne⁸ em grande parte da fase de vida produtiva de Mello Barreto. Os dois mantinham contatos estreitos, principalmente em relação ao intercâmbio de amostras. Ainda nesses documentos de intercâmbio de material, há uma carta de Hoehne reconhecendo o precioso conhecimento de Mello Barreto e realizando o convite para que ele fosse trabalhar no Instituto de Botânica de São Paulo. Pode-se observar que Mello Barreto recusou esse convite, permanecendo em Belo Horizonte.

⁸ Frederico Carlos Hoehne nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde viveu parte da sua infância e adolescência observando a natureza em volta de sua casa. Autodidata, dedicou com prazer a conhecer as plantas. Iniciou sua carreira como jardineiro no Museu Nacional no Rio de Janeiro. Em seguida, esteve à frente de diversas repartições públicas paulistas ligadas a Botânica, inclusive aposentou-se compulsoriamente aos 70 anos no hoje conhecido Instituto de Botânica de São Paulo. Participou de diversas expedições científicas no Brasil, tendo muitos espécimes depositados em diferentes herbários no mundo. (FRANCO; DRUMMOND, 2005)

O Museu Nacional, local onde está inserido o herbário R, também recebeu muitas amostras conforme constatado também pelas correspondências de seu acervo pessoal. Alberto José Sampaio foi um dos interlocutores de Mello Barreto no Museu Nacional. Instituição histórica no Brasil, fundada em 1818 por Dom João VI, tendo como um dos objetivos a propagação dos conhecimentos relativos às ciências naturais no Brasil (DOS SANTOS, 2009). Por ser uma instituição consolidada no cenário científico brasileiro na época de Mello Barreto, é de se esperar uma maior confiabilidade no tratamento das amostras e por esse motivo, o envio de grande parte dos espécimes vegetais para lá. Fora que também, essa instituição abrigaria um maior quantitativo de especialistas em determinados grupos botânicos no qual Barreto não teria conhecimento aprofundado sobre.

O mesmo pode ser dito com o herbário RB, vinculado ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fundado em 1808 também por Dom João VI (BEDIAGA; DRUMMOND, 2007). Grandes eram os pesquisadores contemporâneos a Mello Barreto, como, Adolpho Ducke, Alexander Curt Brade, Graziella Barroso, João Geraldo Kuhlmann entre outros.

Continuando a análise sobre seu acervo nos herbários, apresentaremos como as famílias estão distribuídas nos diferentes herbários brasileiros em abril de 2016. A família que possui maior quantitativo de exsicatas disponíveis é a Fabaceae 1276, seguida pela Melastomataceae, 1113, posteriormente a Asteraceae com 607, Rubiaceae com 396 e Apocynaceae com 182.

Realizando uma comparação simples com o número de exsicatas por famílias disponibilizadas através do INCT - Herbário Virtual, podemos observar que as cinco primeiras famílias melhor representadas nesse repositório de dados são Fabaceae, Asteraceae, Poaceae, Melastomataceae e Rubiaceae. Assim, as coletas realizadas por Mello Barreto também estão dentro dessa tendência, exceto para Poaceae e Melastomataceae.

A família Poaceae não obteve um esforço de coleta representado para o que foi apresentado nessa consulta para o Brasil. Acredita-se que não era um grupo de interesse para os especialistas que solicitavam material de coleta para Mello Barreto.

Em relação à Melastomataceae, pode-se observar uma elevada quantidade de material coletado, em segundo lugar, com um quantitativo quase semelhante ao quantitativo de Fabaceae. No INCT – Herbário Virtual, Melastomataceae aparece em quarta posição em número de exsicatas disponibilizadas. Isso se deve a Mello Barreto ser um estudioso desse táxon conforme apresentado nesse trabalho.

Pode-se observar que as coleções com maior quantitativo de exemplares de Mello Barreto melhoraram a qualidade dos seus dados e disponibilizaram mais registros no período apurado. Observa-se também que os mesmos herbários permaneceram com os maiores quantitativos, tanto em 2016 como em 2017. Os Herbários BHCB, SP, RB, R e ESA são os cinco que possuem mais quantidade de exsicatas disponíveis *on-line*.

Em relação às famílias botânicas, o mesmo ocorreu em 2016 e em 2017 com as cinco mais bem representadas: Fabaceae, Melastomataceae, Asteraceae, Rubiaceae e Apocynaceae.

Devido a atualizações constantes por parte de especialista e maior esforço em digitalização dos acervos por parte dos herbários, algumas famílias oscilaram de posição em termos quantitativos em 2017. Dado que representa bem essa informação é a quantidade de exsicatas da família Bignoniaceae.

Na tabela 2, realizando um comparativo entre os cinco acervos brasileiros que possuem maior quantitativo de exsicatas disponíveis *on-line*, a família Fabaceae está melhor representada em todos os herbários, exceto no RB, onde a mesma está em 4º lugar. Essas diferenças entre herbários podem ter algumas explicações. Uma delas é o envio de duplicatas realizado por Mello Barreto. Como em cada herbário haviam especialistas de determinados grupos, as duplicatas enviadas assim seguiriam um destino diferente. Cada herbário receberia um número maior daqueles espécimes onde especialistas poderiam avaliar esse material com mais critério. Ainda hoje essa é uma prática entre herbários.

Outra explicação que se pode dar é referente ao esforço de digitalização dos dados. Alguns grupos podem ser melhor estudados em determinados herbários, ou por especialistas estarem vinculados a ele ou por receberem visitas externas de estudiosos desses táxons. Desse modo, o número de espécimes atualizados em suas bases de dados pode ser diferente.

Tabela 3: Distribuição do acervo Mello Barreto nos herbários brasileiros, indicando as famílias mais representativas em número de exsicatas.

CLASS	ACERVO TOTAL	BHCB	SP	RB	R
1	Fabaceae 1421	Fabaceae 618	Fabaceae 594	Asteraceae 95	Fabaceae 216
2	Melastomataceae 1113	Melastomataceae 599	Melastomataceae 323	Rubiaceae 89	Apocynaceae 75
3	Asteraceae 607	Asteraceae 536	Asteraceae 58	Bignoniaceae 78	Convolvulaceae 33
4	Rubiaceae 396	Rubiaceae 367	Orchidaceae 56	Apocynaceae 75	Orchidaceae 23
5	Apocynaceae 182	Malvaceae 171	Euphorbiaceae 6	Fabaceae 45	Asteraceae 12

(conclusão)

CLASS	ACERVO TOTAL	BHCB	SP	RB	R
6	Malpighiaceae	Malpighiaceae	Malpighiaceae	Annonaceae	Nyctaginaceae
	178	164	5	32	12
7	Eriocaulaceae	Euphorbiaceae	Piperaceae	Melastomataceae	Dioscoreaceae
	158	140	5	32	8
8	Euphorbiaceae	Eriocaulaceae	Aristolochiaceae	Cyperaceae	Moraceae
	158	128	4	30	6
9	Bignoniaceae	Apocynaceae		Lamiaceae	Araliaceae
	143	119		24	5
10	Malvaceae	Bignoniaceae		Lythraceae	Rubiaceae
	120	119		19	5
11	Amaranthaceae	Convolvulaceae		Malpighiaceae	
	103	110		18	
12	Polygalaceae	Amaranthaceae		Boraginaceae	
	102	93		17	

Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo os passos do botânico: onde, quando e com quem coletou?

Os espécimes retirados da natureza e herborizados, trazem diversos usos a fim de subsidiar construções de muitos conhecimentos da natureza. Um bom coletor, procura sempre colocar em suas coletas, o máximo de dados possíveis para descrever tanto o ambiente quanto o espécime coletado. Henrique Lahmeyer de Mello Barreto procurou utilizar em suas fichas de coleta o máximo de informações que ele julgava importante na época.

Uma observação interessante sobre os dados de coleta é que Mello Barreto não seguia um padrão de numeração ordenada. Os seus números de coletas não seguiram uma ordem cronológica. Para ilustrar, uma coleta realizada em 1932 possuía um número de coleta superior a um exemplar coletado em 1934. Vários são as exsicatas onde podemos encontrar essa diferença.

Pode-se verificar ao longo da história da ciência natural, que geralmente os naturalistas não estavam sozinhos em suas expedições. Não foi diferente com Mello Barreto. Nas expedições científicas, quaisquer que sejam seus objetivos, como para busca de vegetais com potencial para desenvolvimento de fármacos; como para estudos ecológicos; como a coleta de material para herborização e taxonomia; etc, quando se está acompanhado, o pesquisador pode ser o coletor principal ou pode ser apenas um coletor adicional. Em alguns casos podemos identificar que Mello Barreto foi o coletor principal e em outros, ele apenas auxiliou na coleta.

Vamos listar abaixo, quem foram as pessoas que auxiliaram em suas coletas ou foram auxiliadas por Mello Barreto.

É importante ressaltar que os dados encontrados são apenas o que estão disponibilizados nas bases de dados *on-line*. Desse modo, frisamos aqui importância do esforço em melhorar a curadoria de dados das diferentes coleções. Quanto melhor uma coleção tem seus dados fiéis a realidade, melhor será o potencial desses dados e mais confiáveis serão os resultados advindos das pesquisas realizadas a partir dessas informações.

Tabela 4: Companheiros de coleta de Mello Barreto, com indicação do ano e da localidade visitada, que aparecem nos registros das exsicatas dos herbários.

Coletor	Ano(s)	Localidade(s)/MG	País de origem
Alvim, Paulo de Tarso	?	Serra do Cipó	Brasil
Araújo, W.A.	1943	Araxá	Brasil
Archer, William Andrew	1936	Serra do Cipó	Estados Unidos
	1943	Araxá	
Brade, Alexander Curt	1935	Serra do Cipó e Belo Horizonte	Alemanha
	1937	Pirapora	
	1938	Grão Mogol	
Brina, L.	?	Belo Horizonte	?
Burle Marx, Roberto	1943	Sapucaia/RJ	Brasil
		Araxá e Ouro Preto	
Badini, José	1938	Serra do Cipó	Brasil
	1937, 1943, 1944	Ouro Preto	Brasil
Ferri, Mário Guimarães	?	Serra do Cipó	Brasil
Foster, Mulford Bateman	1940	Serra do Cipó	Estados Unidos
Iglesias, Francisco de Assis	1940	Serra do Cipó	Brasil(?)
Burret, Karl Ewald Max	1937	Pirapora	Alemanha
Magalhães, Geraldo Mendes	1940	Araxá	Brasil
Markgraf, Friedrich	1938	Grão Mogol, Brejo das Almas (Francisco Sá, Belo Horizonte, Montes Claros)	Alemanha
Moreira, V.	1935	Cataguases	Brasil
Sampaio, Alberto José	1934	Serra do Cipó e Belo Horizonte	Brasil
Oliveira, João Evangelista	1945	Sapucaias/RJ Felixlândia	Brasil

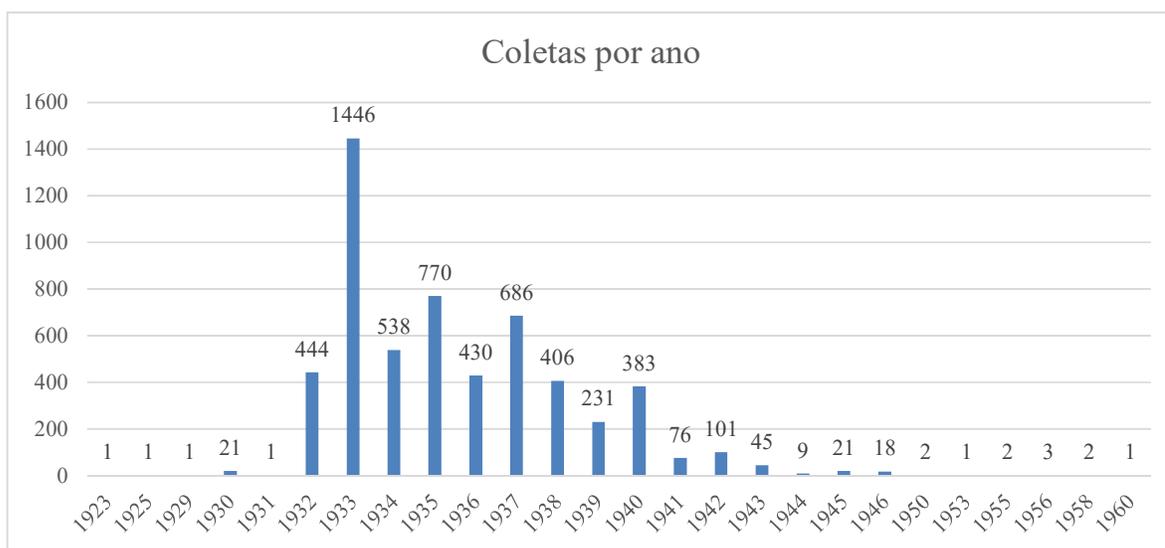
(conclusão)

Coletor	Ano(s)	Localidade(s)/MG	País de origem
Rawitscher, Felix	?	Serra do Cipó	Alemanha
Rennó, Lair Remusat	?	Serra do Cipó	Brasil
Viegas, Ahmés Pinto	1941	Ouro Preto	Brasil
	1943	Belo Horizonte	
Williams, Louis Otho	1943	Belo Horizonte	Estados Unidos

Fonte: Dados da pesquisa e Nationaal Herbarium Nederland

E quantas foram as coletas realizadas? Podemos observar no gráfico 1 o quantitativo de coletas por ano, demonstrando que no período que Mello Barreto esteve em Belo Horizonte, com a implantação do Jardim Botânico da cidade, ocorreu o maior quantitativo de coletas por ele, mesmo com a transformação desse Jardim em simples seção da Estação Experimental. Importante ressaltar que foram retirados os anos cujos valores eram vazios e também os que estão além do período de possível atividade profissionalmente produtiva – fase adulta até o ano de morte.

Gráfico 1: Relação de quantidade de coletas realizadas por Mello Barreto entre os anos de 1923 e 1960.



Fonte: Dados da pesquisa

Fizemos também um comparativo relacionando os dados que possuem data de coleta com os espécimes que não possuem data de coleta. Dessa forma, pode-se observar no gráfico 2 que apenas 63 por cento das coletas possuem data definida. Sabe-se que nesse período os

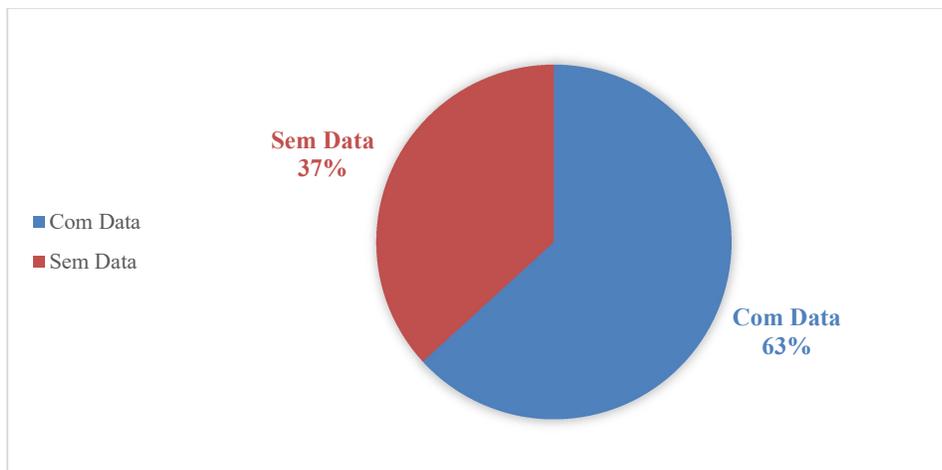
recursos eram outros e pode-se prever que naquele contexto também ocorria muita dificuldade em preparar os materiais, identificar e anotar os dados. Se na atualidade alguns coletores não priorizam esse cuidado, pensemos em um momento de histórico de pouca tecnologia, de ainda pouca reflexão para análise de informações.

Nesse momento é importante fazer uma reflexão acerca de curadoria de dados em coleções científicas. Sabemos que o espécime representa muito por si só. O bem material arquivado em exsicata pode ser único em toda a Terra. Espécies podem ter sido dizimadas e apenas encontradas atualmente em material herborizado. Por esse motivo a importância dos coletores registrarem com o máximo de precisão os seus dados.

Quanto mais qualidade existe na informação de um espécime, mais valioso ele se torna em termos de análise de dados em biodiversidade. Acredita-se que o lado visionário e estudioso de Mello Barreto o fez registrar o máximo de informações que ele julgava importante naquele momento. Mas infelizmente, dados não foram anotados em exsicatas, não permitindo assim uma melhor análise da distribuição dos espécimes em períodos do ano.

Sabe-se que no Brasil ainda há pouco investimento em manutenção de coleções científicas, dessa forma, pode-se justificar a ausência de melhores dados nos diferentes herbários nesse país. Falta mão de obra para poder trabalhar com o acervo, digitalizando informações, organizando as coleções, fotografando os materiais. Assim, sabemos que espécimes sem informação pode ser considerado um dado perdido, uma vez que não se pode obter nenhuma rastreabilidade desse material.

Gráfico 2: Proporção de exsicatas contendo informação da data da coleta no conjunto de amostras coletadas por Mello Barreto nos diferentes herbários *on-line*.



Fonte: Dados da pesquisa

Outro ponto também onde podemos dizer que a falta de informação também pode prejudicar a análise de dados sob diferentes aspectos é o da localidade. Na tabela 5 observa-se que um número alto de registros se encontra sem apresentação de localidade. Importante ressaltar que nessa análise, levamos em conta todas as bases de dados disponíveis na INCT – Herbário Virtual e também o os registros do herbário RB, totalizando 9064 registros disponíveis. Filtrando os dados por cidade, encontrou-se 513 registros sem informação de localidade. Isso demonstra que há uma ausência de informação de 5,65% do total de exsiccatas disponíveis.

Belo Horizonte foi o local onde ocorreram mais coletas, seguida por Lagoa Santa/Santa Luzia. Como já descrevemos acima, Lagoa Santa era um distrito de Santa Luzia na época das coletas de Mello Barreto. Preferimos agrupar as duas em só componente por não se ter dados com localização específica e para facilitar a visualização do quantitativo de coletas na região. Essas duas cidades também foram incluídas pelo botânico no complexo da Serra do Cipó. Pelas suas coletas se observa que realmente Barreto frequentou intensamente a região e foi um dos maiores estudiosos da fauna dessa localidade mineira.

Em termos quantitativos, a região do Cipó ainda fica atrás de Belo Horizonte em números absolutos de coletas.

Tabela 5: Relação das cidades onde Mello Barreto realizou suas coletas e quantidade de espécimes coletados em cada uma.

Cidade	Quantidade	Cidade	Quantidade	Cidade	Quantidade
Belo Horizonte	3104	Santos Dumont	28	Campinas	1
Santa Luzia/Lagoa Santa	1481	Araxá	27	Capela Nova	1
Diamantina	632	Montes Claros	26	Catas Altas	1
Tombos	435	Corinto	18	Coromandel	1
Caeté	298	Carmo	15	Eldorado Paulista	1
Conceição do Mato Dentro	272	Barbacena	14	Esmeraldas	1
Jaboticatubas	255	Niterói	14	Estrela do Sul	1
Santa Bárbara	240	Itabirito	13	Felixlândia	1
Ouro Preto	224	Conselheiro Lafaiete	12	Ferros	1
Poços de Caldas	126	São João da Barra	11	Fortaleza de Minas	1
Nova Lima	114	Teresópolis	11	Governador Valadares	1
São João Del Rei	108	Cataguases	10	Itajubá	1
Grão Mogol	97	Juiz de Fora	9	Itapetinga	1
Cambuquira	87	Uberaba	8	Itatiaia	1
Betim	86	Contagem	7	Jataí	1

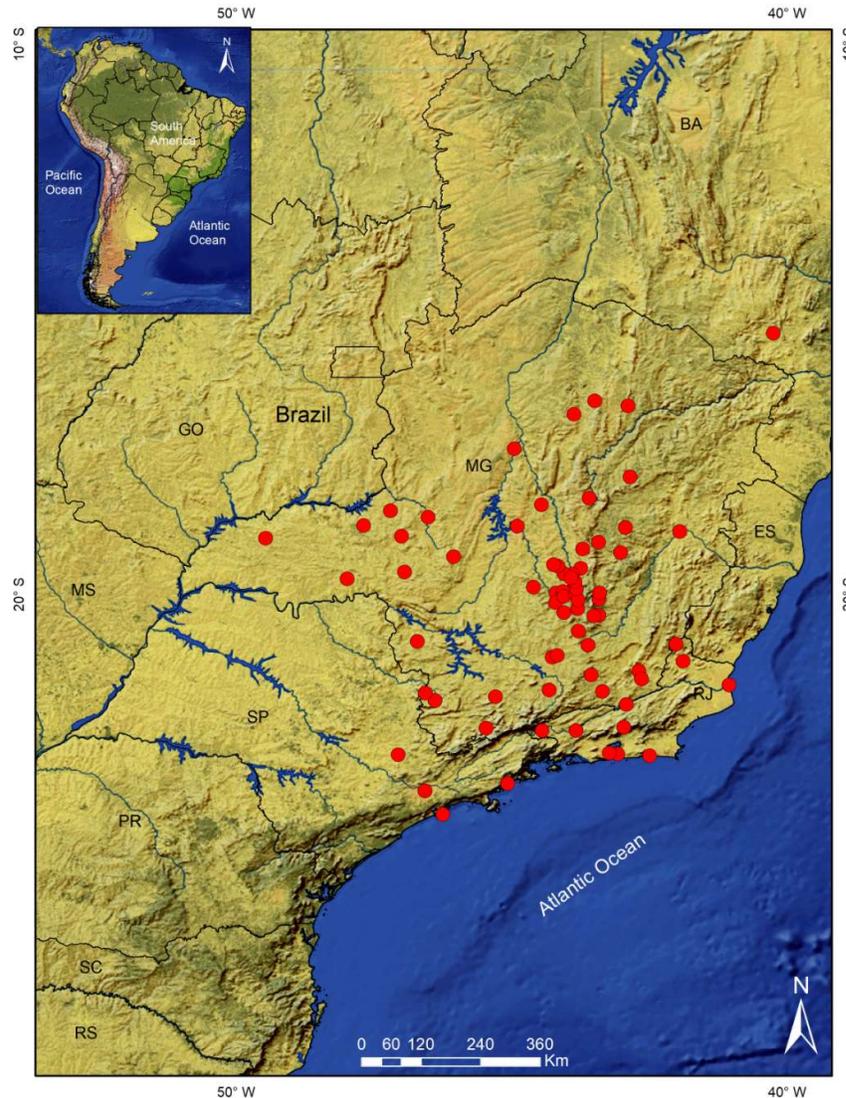
(conclusão)

Cidade	Quantidade	Cidade	Quantidade	Cidade	Quantidade
Andrelândia	74	Patrocínio	7	Moeda	1
Pirapora	65	Parreiras	6	Pilar	1
Sabará	56	Sapucaia	6	Ponte Alta	1
Rio de Janeiro	54	Vespasiano	6	Porto Novo	1
Leopoldina	46	Guanhães	4	Prata	1
Sete Lagoas	43	João Pinheiro	4	Resende	1
Francisco Sá	40	Ibirité	3	Rio Doce	1
Itamarandiba	40	São Paulo	3	Santo Antonio	1
Pedro Leopoldo	40	Barra do Piraí	2	São Bento Abade	1
Patos de Minas	38	Cachoeira do Campo	2	São Gotardo	1
Pará de Minas	37	Guarujá	2	São Vicente	1
Tiradentes	33	Ituiutaba	2	Serro	1
Brumadinho	31	Minador do Negrão	2	Ubatuba	1
Itaperuna	31	Santana do Riacho	2	Sem Inf. Cidade	513
Mariana	29	Saquarema	2		
Caldas	28	Cachoeira Dourada	1		
Total: 9063					

Fonte: Dados da pesquisa

No mapa 1, podemos verificar que Mello Barreto conheceu boa parte das regiões mineiras, conseguindo percorrer parte do território. Isso demonstra como adquiriu o conhecimento ao longo de suas jornadas. Foi estando nas diferentes composições vegetais e regiões geográficas que ele pode observar o funcionamento das interações das plantas com o meio ambiente e assim adquirir seu vasto conhecimento, e sabê-lo aplicar em seus estudos e análises ambientais. Uma consequência foram os jardins projetados em conjunto com Burle Marx. Essas coletas realizadas em diferentes municípios mineiros são mais uma demonstração de que realmente Mello Barreto era detentor de vasto conhecimento sobre a fitofisionomia mineira.

Mapa 1: Mapa de localização das cidades onde Mello Barreto coletou os espécimes botânicos.



Legenda: BA: Bahia, ES: Espírito Santo, MG: Minas Gerais, GO: Goiás, MS: Mato Grosso do Sul, PR: Paraná, RJ: Rio de Janeiro, RS: Rio Grande do Sul, SC: Santa Catarina, SP: São Paulo.

Fonte: Dados da Pesquisa

Por onde andou Mello Barreto? Esse foi um dos questionamentos ao iniciar o desenvolvimento desse projeto. A curiosidade nos levou a questionar em que cidades ele realizou as suas coletas e também em que data ou período isso ocorreu. Utilizando as bases de dados disponíveis no INCT – Herbário Virtual e JABOT e também os documentos históricos deixados por ele em seu arquivo pessoal, demonstramos aqui em uma ordem cronológica por onde passou Mello Barreto em seus momentos de contato com a natureza em busca de material vegetal.

Importante ressaltar, que os dados encontrados podem não ser tão fiéis à realidade. Aqui foram suprimidos os dados de ano em branco e também dados que poderiam induzir em erros. Por exemplo: no dia 12 de abril de 1932 ele realizou coleta na cidade de Belo Horizonte e na mesma data foi realizada coleta na cidade de Montes Claros. Dados como esse foram retirados.

Não foi possível fazer uma quantificação exata dos registros pois os herbários não estão com seus acervos totalmente digitalizados. Acredita-se que predizer números nesse trabalho, poderíamos incorrer em erros. Desse modo, pode-se ter uma ideia mais próxima do quantitativo de espécimes coletados em determinadas localidades.

1929, 1930 e 1931

Poucas coletas foram realizadas nesses anos, praticamente nas cidades de Belo Horizonte e Santa Luzia/Lagoa Santa. Nesse período, a atual cidade de Lagoa Santa pertencia ainda ao município de Santa Luzia. (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA, 2016). Dessa forma, muitas coletas eram registradas como Santa Luzia/Lagoa Santa como localidade de coleta.

1932

Ano da implantação do Jardim Botânico da cidade de Belo Horizonte junto à mata da Baleia. Os espécimes coletados por ele nesse ano poucos são em Santa Luzia/Lagoa Santa, na região da Serra do Cipó. A grande parte foi coletada no Jardim Botânico recém-inaugurado e em seus arredores. Alguns espécimes foram encontrados também na região da divisa dos municípios de Belo Horizonte e Ibirité. Naquela região, encontra-se hoje o Parque Municipal Roberto Burle Marx. Acredita-se que os espécimes tenham sido registrados nas proximidades desse local.

1933

Ano de intensas coletas. Barreto já bem adaptado ao seu novo trabalho como diretor do Jardim Botânico, realiza diversas expedições para diferentes regiões em torno da capital do Estado de Minas.

Belo Horizonte iniciava a expansão da urbanização da cidade. Muitas coletas em vários pontos ao redor das recém-inauguradas vilas, como Vila Novo Horizonte e Vila Cruzeiro do Sul, hoje regiões dos bairros Pompéia e Saudade/Vera Cruz respectivamente. (APCBH, 2008a). Também foram encontrados espécimes no bairro Caetano Furquim. Ainda em janeiro desse ano, fez coletas no bairro Barro Preto e no Jardim Botânico da cidade. Coletou na região do Barreiro.

Além de coletar na cidade de Nova Lima, cidade vizinha do Jardim na Serra do Taquaril, e também na cidade de Santa Luzia/Lagoa Santa, na região da Serra do Cipó.

Em fevereiro Barreto foi buscar novos campos além da zona central. Há registro de coleta na região de Venda Nova, localidade mais antiga que a própria capital Belo Horizonte, que nesse ano era apenas um povoado distante e ainda não estava vinculada administrativamente à cidade. Fato que ocorreu somente em 1948. (APCBH,2008b). Em Belo Horizonte, continuou a explorar a região leste da cidade além de fazer incursões na Serra do Curral na Companhia Morro Velho. Fez buscas mais intensas em Lagoa Santa, na região da Serra do Cipó e passa a registrar suas coletas pela quilometragem ao longo da estrada que liga Belo Horizonte à cidade de Conceição do Mato Dentro.

No mês de março, passa então a explorar o município de Nova Lima em Honório Bicalho. Também a região de Rio Acima, vinculada à Nova Lima antes da sua emancipação em 1948. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO ACIMA, 2017). Seguindo nessas proximidades, chega a coletar também na região do município de Itabirito. Ainda nesse mês ocorrem registros na região de Sabará, localidade aproximada ao Jardim Botânico de Belo Horizonte. Coleta também no caminho para a Serra do Cipó, na região de Vespasiano, na época vinculado ao município de Santa Luzia e emancipado em 1948. (MINAS GERAIS, 1948)

Em abril, continuou suas coletas por Belo Horizonte nas dependências do Jardim Botânico e também na Serra do Taquaril e Vila Paraíso, região do atual bairro Paraíso (APCBH, 2008a). Pode-se verificar pelas datas da coleta que passou pela cidade de Caeté próximo ao dia 12 em direção à Serra do Caraça no município de Santa Bárbara, onde permaneceu por alguns dias realizando muitas coletas.

No mês de maio, ainda em Belo Horizonte, continuou suas coletas nas localidades já citadas em abril e também na Colônia Bias Fortes, que atualmente corresponde aos Bairros Santa Efigênia, Novo São Lucas e Pompéia (APCBH, 2008a). Visitou a cidade de Lagoa Santa e Serra do Cipó; Nova Lima, nas proximidades do Jardim Botânico na Serra do Curral.

Em junho, visitou a Serra do Cipó; esteve nas cidades de Sabará; em Nova Lima; em Santa Rita do Rio Acima, hoje, Rio Acima; em Leopoldina nas fazendas Santa Isabel e Niagara; em Caeté, na região da Serra da Piedade e em Belo Horizonte. Nessa última, poucas coletas realizadas.

Diferente do mês anterior, em julho, ocorreram intensas coletas em Belo Horizonte, nas mesmas localidades do mês de maio e abrangendo ainda a Carapuça, região de pedreira

no bairro Pompéia; no bairro Caetano Furquim; na Vila Esplanada e Vila Paraíso, atualmente os bairros Esplanada e Paraíso respectivamente; na Vila Brasilina, que corresponde ao bairro Sagrada Família; no Parque Vera Cruz, hoje os bairros Saudade e Vera Cruz; na Serra do Taquaril; na Vila Novo Horizonte e no Horto Florestal, além do Jardim Botânico da cidade. Coletou no município de Caeté, na Serra da Piedade. Em Nova Lima, ampliou a área de abrangência, coletando espécimes em Rio do Peixe, Raposos, Codorna, Calçadas e Rio Acima. Em Sabará, duas coletas na Mina do Espírito Santo e na Chácara do Carolino. Em Santa Luzia, na região de Vespasiano, Lagoa Santa e Serra do Cipó.

A região da Serra do Cipó foi em disparado a região mais trabalhada por Barreto no mês de agosto. Várias coletas realizadas ao longo da estrada que ligava Belo Horizonte a Conceição do Mato Dentro, município no qual também recebeu sua visita, mais especificamente, na fazenda Dourado. A quilometragem foi anotada nas observações das localidades, mas acredita-se que atualmente a estrada possui medição diferente da utilizada por Mello Barreto. Um fato curioso é que uma *Miconia albicans* (Sw.) Steud. foi coletada junto ao túmulo de Peter Lund.

Em Belo Horizonte, poucas foram as coletas, especificamente nos bairros já citados em abril. Há registros também de coleta na região de Porto Guanhões na cidade de Guanhões. Há um registro duvidoso de coleta na cidade do Rio de Janeiro, em São Cristóvão. Por ser apenas um registro e o mesmo está intercalado em dias onde há mais coletas em Belo Horizonte e Serra do Cipó, acredita-se que os transportes na época não eram tão eficientes a fim de proporcionar um deslocamento para várias cidades em curto espaço de tempo. Segundo Dona Dalva, seu marido, filho de Mello Barreto, relatava que o pai fazia as excursões todas a cavalo.

No mês de setembro apresenta também intensas atividades na região da Serra do Cipó no início do mês e poucas coletas em Belo Horizonte na região do Jardim Botânico/Serra do Taquaril. Em outubro pouquíssimas coletas em Belo Horizonte e uma coleta na base da Serra da Piedade.

No mês de novembro, continua a explorar áreas que ainda não pertenciam à Belo Horizonte naquela época. Retorna à região de Venda Nova e realiza algumas coletas na Pampulha. Interessante observar que a Pampulha surge de um povoado de Portugueses que ali se instalaram e assim deram o mesmo nome de um bairro antigo de Lisboa para lembrarem sua terra natal. (APCBH, 2011a). Retorna também a região do Barreiro e mantém suas coletas na região da Serra do Taquaril/Jardim Botânico. Em Caeté, pode-se observar grande

quantidade de registros na Serra da Piedade. Poucos são os registros em Nova Lima e Lagoa Santa, em contrapartida, aparecem muitas coletas em Santa Luzia, nas regiões de Lagoa Santa e Vespasiano.

Em dezembro, Mello Barreto retorna a região da Pampulha em Belo Horizonte, coletando também nas adjacências do Jardim Botânico. Em Caeté, continua sua coleta em regiões mais altas, como o Alto do Morro do Serrote e também em Santa Frutuosa. Em Mariana, verificam-se coletas em Bucão e estrada para o Pico Itacolomy. Ocorrem também poucas coletas na cidade de Sabará.

1934

Em janeiro, há registro de coletas em Mariana no Morro do Gallego e Chácara do Barão. Belo Horizonte, há registros na Granja de Freitas, nas Vilas Paraíso e Vera Cruz, no Barreiro, no Jardim Botânico, na Serra do Taquaril e na Serra do Curral. Pela primeira vez ocorre registro em Contagem, na região do Ressaca. Também em Sabará na região de Marzagão. Ocorreu coleta na cidade de Tombos na fazenda das Antilhas. Em seguida há informações de intensas coletas ao longo da estrada que liga Belo Horizonte à Conceição do Mato Dentro. Pode-se observar que ficou coletando nessa região exclusivamente entre os dias 11 e 14.

Em fevereiro, com menos intensidade, continua realizando coletas na região da Serra do Cipó ao longo da estrada. Há alguns registros em Pedro Leopoldo, na fazenda Modelo. Pouquíssimas coletas no Jardim Botânico de Belo Horizonte.

Em março e abril, a maioria dos registros é em Belo Horizonte, no Jardim Botânico, no Caetano Furquim, na Vila Maria Brasilina, hoje região do bairro Sagrada Família, na região do córrego do Onça e bairro Capitão Eduardo, no sanatório Modelo, construído pelo médico carioca Hugo Werneck para tratamento de tuberculose e atualmente região do bairro Granja Werneck, que abriga grande área de mata, que pode vir a não existir devido a especulação imobiliária que tenta acabar com a área verde do local. (APCBH, 2011b). Ocorreram também coletas na região da Estação Experimental e Horto Florestal, hoje Instituto Agrônômico e Horto, respectivamente. Poucas coletas na Serra do Curral.

Em maio e em junho, continuou coletando em Belo Horizonte em regiões já exploradas anteriormente. Em Caeté, coletou na Serra da Piedade. Poucos registros em Nova Lima e Sabará. Ocorrências na estrada para Serra do Cipó e em Lagoa Santa.

Em julho, em setembro e em outubro, realiza poucas coletas nas adjacências do Jardim Botânico e explora bastante a região do Ressaca, em Contagem. Em agosto viaja para o Rio de Janeiro, realizando algumas coletas na praia de Ipanema, no Leblon e em Santa Teresa. Retorna novamente em novembro, coletando em Niterói, e na cidade do Rio, em Joá, Gávea, Barra da Tijuca, Ipanema e Museu Nacional.

Em dezembro, além de explorar um pouco Belo Horizonte, como de costume, realiza coleta na cidade de Pará de Minas.

1935

Nos três primeiros meses do ano, Mello Barreto concentra poucas coletas em Belo Horizonte, especificamente no Jardim Botânico, Horto Florestal, Estação Experimental e Barreiro. Realiza também poucas coletas em Lagoa Santa e uma coleta na região do Ressaca, em Contagem.

Em abril, intensificou suas coletas na Serra do Cipó, registrando ao longo da estrada, desde Santa Luzia, passando por Jaboticatubas, até chegar a Conceição do Mato Dentro. Em Belo Horizonte, também aumentou suas coletas no Barreiro e na Estação Experimental. Voltou na região do Ressaca. Permaneceu na capital ainda em maio, coletando na Granja de Freitas, na Estação Experimental e no Horto Florestal.

Em junho foram encontrados poucos exemplares, um em cada cidade, de Cataguases e de Tombos, município onde em julho também são encontradas um expressivo quantitativo de coletas, principalmente na fazenda da Cachoeira. Em agosto também se pode observar um número expressivo de coletas nessa cidade, dessa vez diferenciando em outras fazendas, como a das Antilhas, do Vinhático, do Paiol e de São Pedro.

Em setembro Barreto diminuiu consideravelmente o esforço de coleta, apresentando algumas coletas em Tombos nas fazendas da Saudade e do Vinhático. Aparecem também coletas na cidade de Leopoldina e em Belo Horizonte.

Em outubro, quase não há registros de coletas, e os que ocorreram foram na capital Mineira, explorando o bairro Carlos Prates.

A cidade de Leopoldina recebe Mello Barreto mais uma vez em novembro. Poucas são as coletas na fazenda Nyagara.

Em contrapartida, dezembro é um mês de intensa coleta na cidade de Cambuquira, especificamente na Fazenda de Juca Cassimiro e na chácara das Rosas. Aparecem também algumas coletas em Pará de Minas.

1936

No início de janeiro, Mello Barreto apresenta coletas na cidade de Tombos, em diversas fazendas. Final do mês há registros de coletas no Estado do Rio de Janeiro, nas cidades de Teresópolis, São João da Barra e Itaperuna.

Fevereiro, março e abril foram meses de raras coletas, demonstrando pouquíssimos registros apenas em Belo Horizonte e em Contagem. No início de maio, coleta na região de Gorduras, próximo à Sabará. No final desse mês, vai para Leopoldina, realizando coletas no Posto de Monta, Estrada da Ventania e em Domingos Pisoni. Em seguida, em junho, realiza coletas nas cidades de Patos de Minas, Patrocínio, Caeté e São João Del Rei.

No mês de julho retorna às intensas coletas, diversificando bastante as cidades amostradas. Foram intensas as coletas na Serra do Lenheiro e Serra de Tiradentes, nos municípios de São João Del Rei e Tiradentes respectivamente. Em Juiz de Fora, observa-se coletas em Mariano Procópio e Represa Benfica. Em Barbacena, há coletas em Campolide e Ibertioga. Em Pará de Minas, explora a região de Florestal. Em Tombos na fazenda São Pedro. Em Andrelândia em Cruz das Almas, cidade onde em agosto ocorreram intensas coletas na Serra de Santo Antônio, Fazenda Parahyba e Fazenda das Bicas.

Ainda em agosto, coletou em Barbacena, ao longo da estrada que corta a Serra do Cipó em Conceição do Mato Dentro, Lagoa Santa e Santa Luzia. Poucas foram as coletas em Belo Horizonte e em Barbacena.

Em setembro, poucas foram as coletas, em Conselheiro Lafaiete, Caeté e Belo Horizonte.

Em outubro, ainda com poucas coletas na região da Serra do Cipó, onde em novembro procedeu do mesmo modo, e em Belo Horizonte, resumindo a exclusivamente em coletas na fazenda da Gameleira e Estação Experimental, mantendo esse padrão de coletas na capital também nos meses de novembro e dezembro.

1937

Mantém as coletas em Belo Horizonte na região da Mata da Baleia nos 4 primeiros meses do ano. Em fevereiro realiza algumas coletas na Serra do Cipó e em abril, uma coleta em Sabará.

Em maio já ocorre uma maior diversidade de pontos de coleta, em Belo Horizonte na região hoje conhecida com Instituto Agronômico, uma coleta em Ouro Preto e menos de 10 coletas na região de Barra do Piraí no Rio de Janeiro.

Em junho, aparecem coletas em Diamantina, na região de Guinda. Em Itamarandiba, também no norte mineiro. Belo Horizonte e Lagoa Santa também foram visitadas nesse mês, especificamente na região da Serra do Curral e Serra do Cipó respectivamente. Julho duas coletas estão registradas, uma em Caetano Furquim, na capital mineira e na região do Ressaça.

Ouro Preto foi o município com muitos registros de coleta em agosto. Morro da Queimada, Alto do Caboclo e as Serras do Itacolomi, de Ouro Preto, de Antônio Pereira foram alguns lugares visitados.

Em setembro, dedicou-se a buscar muitos espécimes na região da Serra do Cipó. Em Diamantina e Belo Horizonte, poucas foram as coletas. Em outubro, essas duas cidades também foram visitadas.

No mês de novembro, em torno de 400 coletas registradas para Diamantina. Talvez o maior quantitativo de espécimes em um mês específico. Nas Serras dos Cristais, do Gavião, do Mendanha, do Ribeirão, do Palmito. Em Chapada do Couto, Braúnas de Cima, Arranca Rabo, Guinda, Boa Vista, Bandeirinha, Sentinela, Datas, Pururuca, Jacuba, Duas Pontes, Mercês, Padre Matias e Descoberto. Também coletou no município de Itamarandiba na região de Penha de França, Lambari Dourado, Alto do Barro Preto, Serra do Ambrósio.

Permanecendo na região norte de Minas Gerais, em dezembro realiza coletas na cidade de Pirapora na Fazenda da Conceição, na Independência e Rio das Pedras.

1938

Há registros a partir de fevereiro, mês com coletas em Sete Lagoas, em Caeté na Serra da Piedade, Belo Horizonte e muitos registros na Serra do Cipó. Em março, o Estado do Rio de Janeiro é o visitado, onde se tem registros de espécimes em Niterói, no Saco de São Francisco, e na capital. Nos meses subsequentes, até setembro, poucas foram as coletas em Belo Horizonte. Praticamente há registro de uma ou duas por mês, embora no mês citado, há

espécimes coletados em um novo local, a Serra da Mutuca, registrada como Belo Horizonte, mas atualmente, abrangendo o município de Nova Lima.

Em outubro, há poucas coletas na capital mineira e também na região da Serra do Cipó. Em novembro intensificou o número de registros, em torno de 170, e também esteve em diferentes regiões do norte de Minas, como Diamantina, Montes Claros, Grão Mogol e em Brejo das Almas, município que atualmente recebe a denominação de Francisco Sá. Coletou mais no fim do mês em Belo Horizonte e região da Serra do Cipó. Em dezembro, há registro de apenas uma coleta em Jaboticatubas.

1939

Em janeiro desse ano, há registros de coleta em Belo Horizonte, em torno de 5. Em fevereiro e março ocorre o mesmo, aparecendo registros na região da Fazenda Gameleira, hoje, região do bairro Gameleira. Em abril, aumenta o quantitativo de coletas e pode-se observar em torno de 15 espécimes coletados na Usina Hidrelétrica de Pacífico Mascarenhas, propriedade particular da empresa hoje conhecida como Cedro Têxtil (DIDATICATIVA, 2013), localizada em Jaboticatubas, na Serra do Cipó. Outras coletas também foram realizadas na Serra e também em Belo Horizonte.

Nos meses de maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro, encontram-se aproximadamente 30 registros em Belo Horizonte, nas regiões da Estação Experimental, Jardim Botânico, Horto Florestal e Gorduras, região atual dos bairros Goiânia, Jardim Vitória, Fernão Dias. (APCBH, 2008). Há também um registro para Caeté, na Serra da Piedade. Em novembro, retoma algumas coletas na Usina Hidrelétrica de Pacífico Mascarenhas, em Jaboticatubas. E na capital mineira, nas mesmas regiões citadas.

Em dezembro, observa-se em torno de 100 exemplares coletados. Em Jaboticatubas na região da Lagoa Dona Ignácia, em Pedro Leopoldo na Fazenda Campo Alegre, hoje município de Prudente de Moraes. A maioria dos registros concentram-se em Belo Horizonte, na Estação Experimental, Horto Florestal, Engenho Nogueira e Córrego Mergulhão.

1940

Em janeiro e fevereiro Mello Barreto continua suas coletas nas adjacências da Estação Experimental em Belo Horizonte e na Lagoa Dona Ignácia em Jaboticatubas. Em março, encontram-se mais de 130 registros na região da Serra do Cipó. Alguns registros também são encontrados para a Serra do Rola Moça em Brumadinho. Em abril, volta as Serras do Curral e

Taquaril. Em maio, ocorre em torno de 5 coletas na região da Estação Experimental. Junho não há registro. Em julho verificam-se coletas em Nova Lima na Serra da Mutuca, em Brumadinho na Serra do Rola Moça e também em Jaboticatubas na Serra do Cipó. Em agosto ocorre uma coleta em Araxá.

Em outubro, novembro e dezembro, em torno de 80 coletas em Caldas e Poços de Caldas em diversas regiões, como: Fazenda da Cachoeira as margens do Rio das Antas, Country Club, Fazenda do Claudino, estrada para Caldas, aeroporto, Córrego das Mortes, Fazenda dos Italianos, Serra da Pedra Balão, Fazenda da Serra, Cemitério junto ao túmulo de José Frederico Regnell. Estas três últimas localizações ocorrendo no município de Caldas.

1941

Há uma redução no número de espécimes coletados nesse ano. Em torno de 60 espécimes coletados durante todo o período. A maioria registrada na Estação Experimental, Horto Florestal e Carlos Prates em Belo Horizonte. Aparecem também registros no Sanatório Hugo Werneck e região dos Borges. Uma coleta na Serra da Mutuca em Nova Lima. Em fevereiro, encontram-se dois registros em Poços de Caldas. Em setembro, há dois registros na cidade de Ibirité, na Fazenda do Rosário pertencente a Sociedade Pestalozzi. Duas coletas na Serra do Rola Moça em Brumadinho em abril e uma coleta em Santos Dumont, na localidade de São João da Serra. Em maio uma coleta em Itajubá. Duas coletas em Cachoeira do Campo em junho e em torno de 25 coletas em Ouro Preto, no Morro da Queimada, Falcão, Ouro Podre, Fazenda Rancharia. Uma coleta em Governador Valadares em novembro.

1942

Há também uma diversidade de cidades, observando aproximadamente 90 registros. Em janeiro, na região da Estação de Hargreaves em Ouro Preto, aparecem 9 coletas. Estação essa construída por Henrique Hargreaves em 1888 para escoamento por via férrea do manganês. Em abril, há registros nos municípios de Santos Dumont; em Pirapora; e em Corinto, na região da Fazenda Logradouro. Em maio, realiza coletas em Belo Horizonte, na região da Estação Experimental e em junho na região da atual Granja Werneck (Sanatório Hugo Werneck)

Em julho, há uma coleta em São João Del Rei. Em setembro e outubro, há uma coleta para cidade de Ferros e uma na cidade do Rio de Janeiro e duas em Belo Horizonte. Em

novembro, observa-se um registro em Caeté, na Serra Cabeça de Boi e dois em Jaboticatubas, na Serra da Meia Libra.

1943

Em torno de 10 coletas registradas para Belo Horizonte, na região da Fazenda da Baleia, Serra do Taquaril e Barreiro. Interessante ressaltar, que essas coletas geralmente foram acompanhadas por outros coletores, como Ahmés Pinto Viegas conforme já relatado anteriormente nesse trabalho. No mês de fevereiro, há três coletas em Santa Bárbara, na região de Catas Altas e Serra do Brucutú. Em março, uma coleta na Serra da Piedade em Caeté. Em torno de 15 coletas em Araxá, na região das Serras do Taquaral e do Sacramento, nas fazendas de Cassiano Lemos e do Doutor João Montandon. Em sua maioria coletadas em junho. No mês de outubro, observa-se uma coleta na Fazenda do Cipó em Jaboticatubas e uma em Prudentes de Morais. Em novembro, duas coletas na Serra do Rola Moça em Brumadinho e três em Ouro Preto.

1944

Declínio significativo no número de coletas realizadas. Encontrados em torno de 8 registros.

Registradas apenas duas coletas em Belo Horizonte na Lagoa Seca; duas coletas em Araxá, no Barreiro e na Serra do Sacramento; três em Ouro Preto na Lagoa do Cruzeiro e no Morro São Sebastião; uma coleta em São Gotardo.

1945

Observa-se um quantitativo maior se comparado com o ano de 1944. Em torno de 15 exemplares, coletados em sua maioria no mês de agosto. Em fevereiro, duas coletas em São Paulo, sendo uma no Guarujá e outra em Jaguaré. Em outubro, três coletas na Serra das Flores em Sapucaia, Rio de Janeiro. O restante, em Minas Gerais nas cidades de Cachoeira Dourada, Patrocínio, Ituiutaba, Patos de Minas, Coromandel e Felixlândia.

1946

Há registros de coletas em São Paulo, em Ubatuba e Jaguaré; no Rio de Janeiro, em Jacarepaguá, Teresópolis e Saquarema; e Pernambuco cuja localidade é duvidosa em relação a ocorrência de coletas nesse local.

As muitas homenagens recebidas – Eponímias

De acordo com o dicionário Michaelis, eponímia é “explicação de um nome próprio (de tribo, povo ou cidade, por exemplo), como derivado de um epônimo” (Michaelis, 2017). E epônimo é: “1 Que dá ou empresta seu nome a alguma coisa. 2 Que recebeu o nome de uma pessoa”. (Michaelis, 2017). Assim, podemos dizer que na taxonomia botânica, as eponímias são os nomes de táxons que foram derivados de nome de pessoas e localidades geográficas. Essa nomenclatura é utilizada quando se quer fazer uma homenagem a um determinado indivíduo ao se propor um táxon novo.

Geralmente, as eponímias estão relacionadas ao espécime descrito, sendo seu coletor, a cidade onde o espécime foi encontrado, uma pessoa que trabalha com o grupo desse determinado táxon. Até mesmo pode ser dado um nome de um artista famoso, como ocorreu com o gênero de pteridófita *Gaga*. Descrito em 2012, seus autores nomearam o gênero em homenagem a cantora pop norte americana Lady Gaga. Essa homenagem se deu devido ao engajamento da artista na articulação e na fervorosa defesa da igualdade e da expressão individual na sociedade atual. Também foi encontrada na sequência de nucleotídeos uma sinapomorfia molecular entre as posições 598 – 601. Uma sequência “GAGA” encontrada nesse grupo de pteridófitas diferindo do grupo do qual esse táxon foi derivado. (FAY-WEI LI, PRYER, WINDHAM. 2012)

Com Mello Barreto não foi diferente. Como dito várias vezes ao longo desse trabalho, ele era um indivíduo de muitos contatos. Tinha bom relacionamento com diversos pesquisadores ao redor do mundo. O cuidado com que ele tratava os espécimes coletados, sua herborização e também a precisão do material fértil, sempre foi elogiado pelos seus parceiros de trabalho.

Suas descrições e suas coletas tornaram-se muito úteis para a publicação de muitos espécimes, assim, alguns autores homenagearam Mello Barreto inserindo referência ao seu nome nas espécies descritas.

Em busca realizada nas bases de dados como The International Plant Names Index, e também no Missouri Botanic Garden – Tropicos.org, os seguintes nomes foram encontrados em referência ao Mello Barreto:

Família Acanthaceae

Mendoncia mello-barretoana Steyerm. Publicada em 1938, não há no trabalho nenhuma referência de homenagem ao Mello Barreto. Coleta realizada por ele em dezembro de 1934, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no Jardim Botânico. (STEYERMARK, 1938)

Família Apocynaceae

Mandevilla barretoii Markgr. Publicada inicialmente por Friedrich Markgraf na Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Berlin-Dahlem devido a coletas realizadas por Mello Barreto na cidade de Diamantina em Minas Gerais. Foi posteriormente sinonimizada em heterotípo por Robert Everard Woodson em *Mandevilla tenuifolia* (J.C. Mikan) Woodson (FLORA DO BRASIL 2020)

Família Araceae

Philodendron mello-barretoanum R.Burle-Marx ex G.M.Barroso Publicado por Graziela Barroso em 1957, a autora não reporta nenhuma homenagem ao Mello Barreto. (BARROSO, 1957)

Família Asteraceae

Lychnophora mello-barretoii G.M. Barroso Publicada em 1956, a autora deixa o seguinte relato como homenagem em seu trabalho “ Ao Dr. Henrique Mello Barreto, D. D. Diretor do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, botânico entusiasta, que tem doado ao nosso Herbário tantos e tão belos espécimes da flora indígena, a nossa sincera homenagem” (BARROSO, 1956, pag. 262) Essa espécie foi coletada por Mello Barreto em 1938 na Serra do Cipó, em Minas Gerais.

Família Bromeliaceae

Dickia mello-barretoii L.B.Sm. Publicada em 1960, o autor não descreve em seu trabalho qualquer referência ao Mello Barreto. A coleta do material tipo foi realizada por ele no município de Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais, em setembro de 1933. Interessante observar também que o tipo foi depositado no herbário do Instituto Agrônomo em Belo Horizonte, ou seja, o herbário BHMH fundado por Mello Barreto.

Orthophytum mello-barretoii L.B.Sm. Publicada em 1952 é uma homenagem ao Mello Barreto devido a sua coleta ter sido realizada na Serra do Cipó em Minas Gerais, em setembro de 1933. (SMITH; DOWNS, 1979)

Família Cactaceae

Arthrocereus mello-barretoi Backeb. & Voll. Em sua publicação, o autor não descreve homenagem ao Mello Barreto. Coleta realizada por ele na Serra do Lenheiro na região da cidade de São João Del-Rey no ano de 1936. (BACKEBERG, 1949) O nome dessa espécie foi sinonimizado no *Arthrocereus melanurus* (K.Schum.) Diers. (FLORA DO BRASIL 2020)

Família Cyatheaceae

Alsophila mello-barretoi Brade. Não há referência do autor sobre a determinação do nome dessa espécie de “pteridófita”. Foi homenagem a Mello Barreto devido a coleta realizada por ele em companhia de Brade no ano de 1935 na Serra do Cipó em Minas Gerais. (BRADE, 1951) Esse nome foi sinonimizado, passando para nome correto de *Cyathea corcovardensis* (Raddi) Domin.(FLORA DO BRASIL 2020) O mesmo caso se procedeu com a espécie *Trichipeteris mello-barretoi* (Brade) Tryon, tornando-se sinônimo de *Cyathea corcoverdensis*.(Raddi) Domin.

Família Fabaceae

Crotalaria barretoensis Windler & S.G.Skinner. Espécie com trabalho publicado em 1982, o autor fez menção ao botânico brasileiro que coletou ou identificou todos os materiais verificados. (WINDLER, D.R. & SKINNER, S.G, 1982)

Dalbergia barretoana Hoehne. Publicada inicialmente por Hoehne em 1938, posteriormente foi sinonimizada em *Dalbergia villosa* var. *barretoana* (Hoehne) A.M.Carvalho. (CARVALHO, 1997)

Mimosa barretoei Hoehne. Publicada por Hoehne em 1938 e seu tipo é referente a coleta realizada por Mello Barreto na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais, em 1933.

Família Iridaceae

Pseudotrimezia barretoei R.C. Foster. Seu autor não determina qualquer homenagem ao em seu trabalho, exceto em relação à coleta realizada pelo Mello Barreto, número 9441, em Diamantina, no mês de novembro no ano de 1937. O tipo foi depositado no herbário G. (FOSTER, 1945) Possui um sinônimo, *Pseudotrimezia datensis* Ravenna. Esse nome está legítimo, mas incorreto. (FLORA DO BRASIL 2020)

Família Melastomataceae

Lavoisiera mello-barretoii Markgr. É uma homenagem devido ao Mello Barreto ser o coletor do espécime tipo dessa espécie e também por ser estudioso desse táxon. A coleta foi realizada por ele na Serra do Grão Mogol, em novembro de 1938. (MARKGRAF, 1940)

Tibouchina mello-barretoii Brade. Publicada em 1938 por Brade. Seu espécime tipo é uma coleta realizada por Mello Barreto na Serra do Cipó em 1935.

Família Moraceae

Brosimum mello-barretoii Standl. O autor faz uma homenagem explícita ao Mello Barreto ao propor essa nova espécie. Para Standley foi um prazer fazer a homenagem para o coletor do espécime porque o mesmo fazia um trabalho amplo e a melhor preparação de espécies botânicas no Brasil. (STANDLEY, 1940) Posteriormente essa espécie foi sinonimizada em *Naucleopsis mello-brretoii* (Standl.) C.C.Berg. e em *Naucleopsis oblongifolia* (Kuhlm.) Carauta, o nome válido atualmente. (FLORA DO BRASIL 2020)

Família Orchidaceae

Habenaria mello-barretoii Brade & Pabst Acredita-se que o autor dessa espécie tenha homenageado Mello Barreto, pois os dois coletaram esse espécime juntos, em abril de 1935, na Serra do Cipó em Minas Gerais. (FLORA DO BRASIL 2020)

Phymatidium mellobarretoii L.O.Williams & Hoehne Publicado em 1947. Possui como sinônimo o *Phymatidiopsis mellobarretoii* (L.O. Williams & Hoehne) Szlach. Publicado em 2006. Não há identificação específica de homenagem, mas na exsicata do holótipo há uma observação que demonstra a doação do material de Mello Barreto para o autor em junho de 1946, mesmo a coleta não pertencendo a ele e sim ao Geraldo Mendes Magalhães.

Imagem 5: Homenagem a Mello Barreto encontrada na ficha da exsicata do holótipo de *Phymatidium mellobarretoii* L.O.Williams & Hoehne

Coletor Mendes Magalhães n. 2849
Data 20 - VI - 943 Frequência pouco
Flor _____
Forma e dimensões Herbacea
This specimen was given to me by Dr. Henrique de Melo Barreto because I could not place it. It is from game in the Instituto de Botânica em São Paulo. L. Williams June 1, 1946

Fonte: Adaptado do Herbário do Instituto de Botânica, São Paulo, Brasil (2017)

Família Podocarpaceae

Podocarpus barretoii Laubenf. & Silba. Publicada em 1990, não há referência ou homenagem ao Mello Barreto na descrição do espécime. Apenas é citada a espécie tipo, coletada por ele em 1933 na Serra do Cipó. O autor ainda coloca em sua descrição um apelido no espécime de “Barreto Podoberry”. (SILBA, 1990) Importante ressaltar, que na data da confecção desse trabalho, esse espécime se encontrava na categoria de “ criticamente em perigo” na lista vermelha do CNCFlora.

Família Piperaceae

Piper barretoii Yunck. Publicada no Boletim do Instituto de Botânica de São Paulo em 1966, tem como tipo a coleta de Mello Barreto número 7240 realizada no atual município de Conceição do Mato Dentro. Em seu texto o autor afirma que o nome é derivado do coletor do espécime tipo. (YUNCKER, 1966)

Família Rubiaceae

Diodella mello-barretoii (Standl.) Bacigalupo & E.L.Cabral Publicada em 2006, foi uma combinação de *Diodia mello-barretoii* Standl. (BACIGALUPO; CABRAL, 2006) publicada em 1940 conforme abaixo. Também tem como tipo a coleta realizada por Mello Barreto em Minas. Foi então sinonimizada em *Hexasepalum mello-barretoii* (Standl.) H. Kirkbr. & Delprete. Atualmente, é o nome aceito e correto dessa espécie. (FLORA DO BRASIL 2020)

Diodia mello-barretoii Standl. Publicada em 1940 juntamente com a *Brosimum mello-barretoii* Standl. Não há na descrição homenagem realizada para Mello Barreto, mas acredita-se que foi feita anteriormente conforme já relatamos acima na espécie de *Brosimum*. A coleta dele utilizada como tipo aconteceu em fevereiro de 1938 na Serra do Cipó, antiga região de Santa Luzia.

Palicourea mello-barretoii Standl. Publicada em 1940, o autor não coloca em seu texto nenhuma mensagem em relação ao Mello Barreto. O tipo foi uma coleta realizada por ele em Montes Claros, Minas Gerais em novembro de 1938. (TROPICOS, 2017a)

Rudgea mello-barretoii Standl. Publicada em 1940, o autor não inclui em seu texto nenhuma homenagem em relação ao Mello Barreto. O tipo da espécie foi coletado em Diamantina, Minas Gerais, em novembro de 1937.

Família Solanaceae

Solanum mellobarretoi Agra & Stehmann Publicada em 2016, é a mais recente espécie em homenagem ao Mello Barreto. Na publicação seus autores descrevem uma homenagem deixando claro que o nome do epíteto é um tributo a ele e que também foi Mello Barreto o primeiro coletor dessa espécie em 1933. Continuam ainda a homenagem dizendo que ele era um especialista na flora de Minas Gerais, um coletor de mais de trinta mil espécimes, descritor de novas espécies e que também trabalhou com Roberto Burle Marx em seus projetos paisagísticos. (AGRA; STEHMANN, 2016)

Imagem 6: Exsicatas de *Solanum mellobarretoi* Agra & Stehmann demonstrando a coleta de Mello Barreto e o espécime usado na descrição da espécie.



Holótipo e parátipo de *Solanum mellobarretoi* Agra & Stehmann. O parátipo foi a coleta de Mello Barreto que deu origem ao nome.

Fonte: Herbário BHCBC

Família Thymelaeaceae

Daphnopsis mello-barretoii Standl. Também publicada no mesmo trabalho da *Brosimum mello-barretoii*, pode-se inferir a homenagem ao Mello Barreto também pelo espécime tipo, então coletado por ele em janeiro de 1934. Coletado no antigo jardim Botânico

de Belo Horizonte. (STANDLEY, 1940) A espécie então foi sinonimizada em *Daphnopsis brasiliensis* Mart. (FLORA DO BRASIL 2020)

Família Xyridaceae

Xyris mello-barretoi L.B.Sm & Downs Publicada em 1954, seus autores não descrevem qualquer homenagem em seu texto em relação ao Mello Barreto. A coleta do espécime tipo foi realizada em 1937 na cidade de Diamantina, Minas Gerais.

Espécies que possuem nome sugestivos de Mello Barreto mas são eponímias de outras pessoas:

Família Poaceae

Andropogon barretoi Norrmann & Quarín Homenagem ao professor Ismar Barreto, pesquisador de Gramíneas. (NORRMANN & QUARÍN, 2001)

Paspalum barretoi Canto-Dorow, Valls & Longhi-Wagner. O tipo desse espécime foi coletado em 30 de novembro de 1989 em Santa Catarina e suas duplicatas estão disponibilizadas nos herbários CEN e ICN. Os coletores são Vall, Moraes, Canto & Werneck. Dessa forma, pode-se inferir que não havia relacionamento de Mello Barreto com os pesquisadores. De acordo com a publicação, o espécime é uma homenagem ao estudioso de Gramíneas, o professor Ismar Barreto. (CANTO-DOROW; VALLS; LONGHI-WAGNER, 1995)

Setaria barretoi Boldrini. Seu tipo ocorre em Rio Grande do Sul, local onde Mello Barreto não percorreu. Devido ao local de ocorrência do tipo e também a família Poaceae, esse nome é uma homenagem ao professor Ismar Barreto. (TROPICOS, 2017b)

Família Rutaceae

Boronia barrettiorum Duretto . Homenagem aos botânicos Matt and Russell Barrett que coletaram pela primeira vez a espécie. (DURETTO, 2006)

Família Orchidaceae:

Bossiaea barrettiorum J.H. Ross. Homenagem aos botânicos Matt and Russell Barrett que coletaram essa espécie ao longo de um trabalho de campo em Kimberleys, na Austrália. (ROSS, 2006)

Campylocentrum barrettiae Fawc. & Rendle Homenagem a Miss Terry Moulton Barrett que muito contribuiu com o conhecimento em Orchidaceae na Jamaica. (FAWSCETT, W. & RENDLE, 1909)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto pode tornar-se um pouco mais conhecido na atualidade. Pode-se perceber realmente a sua contribuição para o conhecimento da flora mineira, pois seu esforço de coleta ocorreu em várias cidades de Minas Gerais. Obteve conhecimento sobre a fauna, a flora e o meio ambiente em interação e deixou bons registros para demonstrar esse conhecimento.

Escrever sobre um naturalista nos faz refletir sobre a época em que ele viveu, as condições encontradas na natureza durante as expedições, as dificuldades de recursos para produzir um bom exemplar de material, como a sociedade se comportava naquele momento, enfim, o contexto histórico daquele período.

Procurou-se trazer com esse trabalho mais conteúdos relativos às vivências profissionais e deixou-se um pouco e lado o contexto histórico vivido por ele. Além de ter trazido uma gama de conhecimentos básicos sobre a fauna mineira, talvez seu segundo maior legado foi ter conhecido Burle Marx e trocado experiências com o mesmo. A obra arquitetônica deixada por ele no país e no mundo, com certeza tem um “pano de fundo” dos ensinamentos de Mello Barreto.

Sabe-se que o famoso arquiteto brasileiro mudou suas concepções de paisagismo ao entender que a flora local deveria interagir e estar integrada ao ambiente onde o jardim estava inserido. Uma harmonização era necessária para a uma melhor composição da natureza. Os olhos perceberiam o ambiente de outra forma quando aplicada essa ideia e o encantamento estaria garantido. E foi graças a Mello Barreto que esse novo conceito foi utilizado por Burle Marx em seus projetos.

Não podemos deixar de observar que mesmo sendo uma pessoa mais introspectiva, Barreto conseguiu cativar alguns pesquisadores contemporâneos a ele e que muitos o tinha como amigo pessoal. Não só pesquisadores brasileiros, mas também referências botânicas de outros países, que aqui estiveram e ficaram impressionados com a beleza da nossa flora e do grande potencial de produção científica que dela poderia emergir. Vários são os documentos e cartas relacionando envio de material para o exterior, a fim de se obter identificação e também para usos potenciais para obtenção de compostos químicos e também para a produção de medicamentos. Fora a quantidade de espécimes que receberam nomes homenageando Mello Barreto.

Desse modo, deixamos aqui a importância de se resgatar parte da história botânica de nossos naturalistas. Conscientes também que apresentamos nesse trabalho apenas parte de um todo que muito pode ser ainda explorado. Perguntas podem ser respondidas. Novos questionamentos também são levantados ao longo da leitura dos documentos analisados para essa pesquisa, permitindo assim uma continuidade no conhecimento da vida de Mello Barreto. Análises minuciosas dos dados podem ainda ser realizadas, melhorando com toda a certeza a qualidade das informações disponibilizadas para o público.

Assim, concluímos esse trabalho certos de ter contribuído para a divulgação dos conhecimentos trazidos por um naturalista brasileiro e também, conscientes de que muito pode ser feito para agregarmos novas informações relativas ao campo a Botânica e da sua história.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, V. L. de; FONSECA, C. de O. **Diversidade da paisagem geomorfológica nos ambientes da Serra do Curral, símbolo da capital mineira (MG): historicidade, permanências e rupturas de sua geoconservação.** 4º Colóquio Íbero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte, de 26 a 28 de setembro de 2016.

AGRA, M.F. & STEHMANN, J.R. **A new espécie of Solanum subg. Letotemonum (Solanaceae) from the southern Espinhaço Rang, Minas Gerais, Brasil.** Phytotaxa 288 (3) 258 – 264. 2016

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE – APCBH. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Leste.** Coordenadores: Cintia Aparecida Chagas Arreguy e Raphael Rajão Ribeiro. 58p. il.; 21cm. [+linha do tempo + mapa] 2008a.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE – APCBH. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Nordeste.** Coordenadores: Cintia Aparecida Chagas Arreguy e Raphael Rajão Ribeiro. 62p. il.; 21cm. [+linha do tempo + mapa] 2008.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE – APCBH. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Norte.** Coordenador: Raphael Rajão Ribeiro. 62 p. il.; 21cm. [+linha do tempo + mapa] 2011b

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE – APCBH. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Pampulha.** Coordenador: Raphael Rajão Ribeiro. 62p. il.; 21cm. [+linha do tempo + mapa] 2011a

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE – APCBH. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Venda Nova.** Coordenadores: Cintia Aparecida Chagas Arreguy e Raphael Rajão Ribeiro. 61p. il.; 21cm. [+linha do tempo + mapa] 2008b.

BACIGALUPO, N.M. & CABRAL, E.L. 2006. **Nuevas combinaciones en el género *Diodella* (Rubiaceae, Spermaceae).** Darwiniana 44 (1): 98-104. 2006

BACKEBERG, Kurt. **Neue Kakteen Aus Brasilien (Cactaceas novas do Brasil).** Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Volume IX. 157. Estampa 4. Fig. 2. 1949

BACON, Richard M. **Herbarium are for learning.** New York Times. 4 May 1986.

BARRETO, Henrique Lahmeyer de Mello. **Ensaio de aplicação do methodo de typos ao estudo do genero *Lavoisiera*, na espécie *pulcherrima* DC.** Anais da Academia Brasileira de Ciências. Volume 7, n 2, pag. 185 – 190.1935b

BARRETO, Henrique Lahmeyer de Mello. **Quatro *Lavoisieras* Novas no Herbario Glaziou do Museu Nacional.** Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Volume 12, pag. 57 – 72.1936

BARRETO, Henrique Lahmeyer de Mello. **Uma *Lavoisiera* Nova da Serra do Cipó, no estado de Minas Gerais.** Anais da Academia Brasileira de Ciências 7 Volume 1,pag. 8 – 11. 1935a

BARRETO, Henrique Lahmeyer de Mello. **Regiões Fitogeográficas de Minas Gerais.** Boletim 4. Departamento Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1942

BARRETO, Henrique Lahmeyer de Mello. **Resultado das excursões na Serra do Cipó no estado de**

Minas Gerais. Arquivos do Instituto de Biologia Vegetal. Volume 2, n 1, pag. 7 – 11. 1935c

BARROSO, Graziela M. **Areceae Novae.** Volume XV. 94. Estampa 8-9. 1957.

BHL – Biodiversity Heritage Library. BHL Wiki. 2017. Disponível em: <<http://biodivlib.wikispaces.com/About>> Acesso em: 17 dez. 2017.

BARROSO, Graziela M. **Espécies novas do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.** Volume XVI. 261. Estampa IV. 1956

BFG – THE BRAZIL FLORA GROUP - Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. Rodriguésia. Volume 69, n.4, p. 1085 – 1113. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 6734 de 21 de janeiro de 1941. Aprova o regulamento a que obdecerão as expedições artísticas e científica no Brasil. Diário Oficial da União - Seção 1 – 23 jan. 1941, página 1232. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-6734-21-janeiro-1941-331368-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acessado em: 08 jan. 2018.

BEDIAGA, Begonha.; DRUMMOND, Renato Pizarro. **Cronologia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.** Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2007.

BRADE, Alexander Curt. **Filices Novae Brasilienses VII.** Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Volume XI. 22-23. Estampa 2 e 5. Fig. 4. 1951

BRADE, Alexander Curt. **Melastomataceae novae II.** Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Volume IV(1). p 76, pl. 7. 1938

CANTO-DOROW, Thaís do; VALLS, J.F.M.; LONGHI-WAGNER, H.M. **Espécies novas de Paspalum L. (POACEAE) do Sul do Brasil.** Bradea. Boletim do Herbário Bradeanum. Volume VI (40) p 331, f. 1-5. 1995

CARVALHO, A.M. **A Synopsis of the Genus Dalbergia (Fabaceae: Dalbergieae) in Brazil.** Brittonia Vol. 49, Nº1 pp. 87-109. 1997

CRIA – Centro de Referência em Informação Ambiental. Sobre o CRIA. Campinas, 2017. Disponível em: <<http://www.cria.org.br/about/>> Acesso em: 18 dez. 2017.

CRISCI, Jorge V. & KATINAS, Liliana. **El fin de las colecciones de historia natural em um tempo de extinciones.** In: Conservación del Patrimonio Natural y Cultura, conceptos básicos y definiciones. Luis Oscar Bala compilado por Mariano N. Castex. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Academia Nacional de Ciências de Buenos Aires. 2017.

DIDATICATIVA. Cedro e Cachoeira – História da Companhia. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.didaticativa.com/dados_historicos.php?id=380>. Acesso em: 13 dez. 2017.

DOS SANTOS, Myrian Sepúlveda **Políticas da Memória na Criação dos Museus Brasileiros.** Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 19, n. 19, june 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/369>>. Acesso em: 28 dec. 2017.

DOURADO, Guilherme Mazza. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx.** Editora Senac São Paulo. São Paulo, 2009. 386 p.

DURETTO, Marco. **Boronia barrettiorum (Boronia subseries Filicifoliae : Rutaceae),**

a new species from the Kimberley Region of north-western Australia. *Nuytsia* 16(1):15-20 (2006)

ESTAÇÕES FERROVIARIAS DO BRASIL. Hargreaves (antiga Metalúrgica) 2017. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_pontenova/hargreaves.htm>. Acesso em: 14 dez. 2017.

FAWSCETT, W. & RENDLE, A.B. **Some new Jamaica Orchids. II.** *Journal of Botany, British and Foreign* 47: 127. 1909.

FAY-WEI LI, PRYER, Kathleen M., WINDHAM, Michael D. **Gaga, a New Fern Genus Segregated from Cheilanthes (Pteridaceae).** *Systematic Botany*, 37(4): (2012), pp. 845–860

FOSTER, Robert C. **Studies in Iridaceae – III – I Three New Genera of South American Iridaceae.** *Contributions from the Gray Herbarium of Harvard University* 45: 7–8. 1945.

FRANCO, José Luiz de Andrade.; DRUMMOND, José Augusto. **Francisco Carlos Hoehne: A atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza no Brasil.** *Ambiente & Sociedade*. Volume VIII, n. 1, jan-jun, p. 1-27. 2005

FUNK, Vicki. **100 User for an Herbarium (Well at Least 72).** *Division of Botany, The Yale University Herbarium*. 2004. pp. 1-4.

HERBÁRIO DO INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO. *Herbário do Estado "Maria Eneyda P. Kaufmann Fidalgo" - Coleção de Fanerógamas (SP)*. SP002314 Disponível em: <<http://inct.splink.org.br/index.>> Acesso em: 27 dez. 2017.

Jornal do Comércio. **I Reunião Sul-Americana de Botânica.** Rio de Janeiro, 20 out. 1938. Ano 112, n. 17, p. 4.

MAIA, Leonor Costa Maia et al. **Construindo redes para promover o conhecimento da biodiversidade brasileira: a experiência do INCT – Herbário Virtual.** *INCT-Herbário Virtual*. Edição 1, pag. 111. Editora Universitária da UFPE. 2017.

MARKGRAF, F. **Neue Pflanzenarten aus Brasilien.** *Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Berlin-Dahlem*. Volume XV. 220. 1940.

MARTINS, Angela B.; ALMEDA, Frank. **A Monograph of the Brazilian endemic genus *Lavoisiera* (Melastomataceae: Microlicieae).** *Phytotaxa*. 315. Volume 1, pag. 1 – 194. 2017.

MARTINS, Angela B.; ALMEDA, Frank. **New combinations and new names in some Brazilian Microlicieae (Melastomataceae), with notes on the delimitation of *Lavoisiera*, *Microlicia* e *Trembleya*.** *Novon*. 315. Volume II, n. 1, pag. 1 – 7. 2001.

MINAS GERAIS, Governo do Estado. Lei nº 336 de 27 de dezembro de 1948. Estabelece a divisão administrativa e judiciária do Estado, a vigorar de 1º de janeiro de 1949 a 31 de dezembro de 1953, e dá outras providências. Minas Gerais. Belo Horizonte, 27 dez. 1948. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=LEI&num=336&comp=&ano=1948&texto=consolidado> Acessado em: 14 nov. 2017.

MINAS GERAIS, Governo do Estado. Decreto 10232 de 27 de janeiro de 1932. Cria o Jardim Botânico na Fazenda da Baleia. Minas Gerais. Belo Horizonte. 26 de janeiro de 1932.

MINAS GERAIS, Governo do Estado. Decreto 18162 de 6 de junho de 1988. Cria o Parque Florestal Estadual da Baleia, no município de Belo Horizonte. Minas Gerais. Belo Horizonte. 07 de junho de 1988. Disponível em: <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=1228> Acessado em: 22 nov. 2017.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> Acessado em: 27 jul. 2017.

LANA, Ricardo Samuel de. **Arquitetos da paisagem: memoráveis jardins de Roberto Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto**. Ricardo Samuel de Lana. Belo Horizonte - Museu Histórico Abílio Barreto, 2009.

NATIONAAL HERBARIUM NEDERLAND **Burret, Carl Ewald Max**. 2017. Disponível em: <http://www.nationaalherbarium.nl/FMCollectors/B/BurretCEM.htm> Acessado em: 07 nov. 2017.

NORRMANN, Guillermo A.; QUARÍN, Camilo L.. **Andropogon barretoii, una nueva especie de Poaceae del sur de Brasil**. Darwiniana 39 (1-2):171-174. 2001

NÚCLEO DE TEORIA E HISTÓRIA.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. DOCOMOMO: International working party for documentation and conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the modern movement. Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro. 2009. Disponível em: http://www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno/html/cidades/araxa/conjunto_paisagistico_parque_barreiro.html Acessado em: 19 jan. 2018.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos técnicos científicos projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**. 2. ed/ Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. Disponível em: www.pucminas.br/biblioteca. Acesso em: 12 dez. 2017

PORTO, Daniele Resende. O Barreiro de Araxá – projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. 2005. 343f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Carlos. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA. **História**. 2016. Disponível em: <https://www.lagoasanta.mg.gov.br/index.php/prefeitura1/cidade-sp-1470105149/historia> Acessado em: 14/11/2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO ACIMA. **História**. 2017 . Disponível em: [.http://www.prefeiturarioacima.mg.gov.br/pagina/4569/História](http://www.prefeiturarioacima.mg.gov.br/pagina/4569/História) . Acessado em: 14/11/2017

PYKE, G.H., ERLICH, P.R. **Biological collections and ecological/environmental research: a review, some observations and a look to the future**. Biological Reviews, 85 (2010), pp. 247–266

RENNÓ, Lair Remusat. **Biografia Henrique Lahmeyer de Mello Barreto**. Trabalho apresentado ao XVI Congresso da Sociedade Botânica do Brasil, realizado em Itabuna, Bahia, em 1965.

RENNÓ, Lair Remusat. **Levantamento do Herbário do Instituto Agrônomo de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Intituto Agronomico, 1960. 151 p.

ROSS, J.H. **A Conspectus of the Western Australian Bossiacea species (Bossiaceae: Fabaceae)** Muellera 23: 15–143 (2006)

SALINO, Alexandre; STEHMANN, João Renato, ROCHA, Karina Priscila, FALCÃO, Bruno Fernandes, ARRUDA, André Jardim. **O herbário da Universidade Federal de Minas Gerais: história, acervo e sua importância para o conhecimento da biodiversidade mineira.** MG.Biota, Belo Horizonte. V.4, n.6, fev/mar. 2012.

SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta. **O movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG.** Em Tese. Belo Horizonte, v. 10, p. 172-177, dez. 2006

SILBA, John. **A supplement to the international census of the Coniferae II.** Phytologia 68 (1) : 7-78. 1990

SILVA, Luís Alexandre Estevão da; FRAGA, Cláudio Nicoletti, ALMEIDA, Thaís Moreira Hidalgo de; GONZALEZ, Marcos; LIMA, Rafael Oliveira, ROCHA, Mônica Sousa da; BELLON, Ernani; RIBEIRO, Rafael da Silva; OLIVEIRA, Felipe Alves; CLEMENTE, Leonardo da Silva; MAGDALENA, Ulises Rodrigo; MEDEIROS, Erika von Sohsten; FORZZA, Rafaela Campostrini. **Jabot – Sistema de Gerenciamento de Coleções Botânicas: a experiência de uma década de desenvolvimento e avanços.** Rodriguesia. Volume 68, n 2, p. 391 – 410. 2017

SMITH, L.B. **Notes on Bromeliaceae, XIII.** Phytologia7: 109, 1960.

SMITH, L.B; DOWNS, R.J. **Flora Neotrópica.** The New York Botanical Garden. Volume 14, parte 3. 1979

STAFLEU, Frans Antonie & COWAN, Richard S. **Taxonomic literature : a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** 1976-1988. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/104137>. Acessado em: 11 jul. 2016.

STANDLEY, Paul C. **Studies of American Plants – X.** Publication of Field Museum of Natural History. 22:70-71. 1940

STANDLEY, Paul C. **Studies of American Plants – XI.** Publication of Field Museum of Natural History. Volume 22 Número 3. 196-197; 210-2011. 1940

STEYERMARK, Julian A. **Studies of the American Flora – I – A new Brazilian species of Mendoncia.** Publication of Field Museum of Natural History. Volume XVII 5:421. 1938

TABACOW, José (org.). **Roberto Burle Marx: arte & paisagem.** São Paulo: Studio Nobel, 130 p. 2004.

The International Plant Names Index (2017). Disponível em: <http://www.ipni.org>. Acessado em: 28 jul. 2017

THIERS, Bárbara. [continuously updated]. **Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff.** New York Botanical Garden's Virtual Herbarium. Disponível em: <http://sweetgum.nybg.org/science/ih/>. Acessado em: 17 jul. 2016.

TORREY BOTANICAL CLUB. Bulletin of the Torrey Botanical Club. **The Origin of Herbaria.** Volume 12, n. 12, p. 129-131. Dezembro. 1885. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2476769> Acessado em: 18 jan. 2018.

Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/25511490> Acessado em: 04 aug.2017b

Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/27906632>
Acessado em: 14 aug.2017a

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Miguel Aun. Prédio da Diretoria do Museu.
2010. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/016251.shtml> Acessado em: 18 jan. 2018

YUNCKER, T.G. **New species of Piperaceae from Brazil**. Boletim do Instituto de Botânica de São Paulo. Volume III, n 3, p. 83-84, f. 71. 1966

WINDLER, D.R. & SKINNER, S.G. **A new taxa and new combinations in the american Crotalarias (Fabaceae)**. Phytologia 50: 189, fig. 1982